

**FACULDADE COMUNITÁRIA DE PEDAGOGIA DA SERRA
REDE DE ENSINO DOCTUM**

JANINE DE PAULA DA SILVA GUIMARÃES SOUZA

MAÍZA DO CARMO SILVA MONTARROYOS

MARILENE FRANCISCO DO NASCIMENTO REIS

**PRECONCEITO ÉTNICO NAS SÉRIES INICIAIS: COMO ELE SE
MANIFESTA?**

**Serra
2013**

JANINE DE PAULA DA SILVA GUIMARÃES SOUZA

MAÍZA DO CARMO SILVA MONTARROYOS

MARILENE FRANCISCO DO NASCIMENTO REIS

PRECONCEITO ÉTNICO NAS SÉRIES INICIAIS: COMO ELE SE MANIFESTA?

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Faculdade de Pedagogia Comunitária da Serra - Rede de Ensino Doctum como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador (a): Professor (a) Dorcas Rodrigues Silva de Recamán

**Serra
2013**

JANINE DE PAULA DA SILVA GUIMARÃES SOUZA

MAÍZA DO CARMO SILVA MONTARROYOS

MARILENE FRANCISCO DO NASCIMENTO REIS

PRECONCEITO ÉTNICO NAS SÉRIES INICIAIS: COMO ELE SE MANIFESTA?

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Serra da Rede de Ensino Doctum, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovada em 09/ julho de 2013 pela banca composta pelos professores:

Dorcas Rodrigues Silva de Recamán
ORIENTADOR (a)

Eduardo Vianna Gaudio
EXAMINADOR

Janine de Paula da Silva Guimarães Souza, Maíza do Carmo Silva Montarroyos, Marilene
Francisco do Nascimento Reis.
ALUNO (s)

DEDICATÓRIA

A nossas famílias que tanto contribuíram para nosso sucesso.

Ao(s) esposo(s) por todo carinho e compreensão nas horas mais necessárias e difíceis.

A nossos filhos, aos amigos sempre presentes que com um olhar, um gesto ou uma fala de carinho sempre nos apoiaram ao longo de nossa caminhada.

AGRADECIMENTO

Dedicamos de fato este trabalho a todos que, em busca de uma igualdade para todos, abre mão do silêncio, para ser visto e ouvido por toda sociedade. Este trabalho é fruto de um esforço constante de professores que tiveram a função de verdadeiros mestres nos mostrando os caminhos a serem traçados e nos fazendo retomar sempre que necessário, por meio de incentivo a uma constante reforma de nossos pensamentos e conceitos. Reiteramos que este trabalho é fruto também das pesquisadoras Janine de Paula, Maíza do Carmo e Marilene Francisco, que mesmo em meio a um imenso conflito intelectual nos dispomos a investigar um tema tão complexo e pouco aceito pela sociedade, tendo em vista a necessidade de mudança de paradigmas urgente.

Agradecemos a dedicação inicial da professora doutora Patrícia Rufino, que mesmo antes do início da produção deste trabalho nos orientou e nos mostrou alguns caminhos a traçar e também quais caminhos não seguir. Somos-lhe gratas pela disciplina que nos mostrou, através de sua postura profissional que em nada deixa a desejar, nossos sinceros agradecimentos.

O que dizer da professora mestra Dorcas Rodrigues Silva de Recamán, que simplesmente se debruçou sobre os detalhes deste trabalho para que fosse possível pelas alunas acima escrever toda a trajetória do preconceito no contexto escolar e as formas de suas manifestações. Professora Dorcas, você jamais será esquecida por nós, pois faz parte de um dos momentos mais especiais de nossas vidas, obrigada.

E o que dizer de nossa querida e elegantíssima professora Vasti Gonçalves de Paula, tão paciente, compreensiva e sempre disposta a ajudar, direcionar e incentivar a nossa vida acadêmica. A ela que sempre esteve em nossa orientação, nossos sinceros agradecimentos, pela força na produção de nosso trabalho de conclusão de curso.

Todas as guerras do mundo são iguais.

Todas as fomes são iguais.

Todos os amores, iguais.

Iguais todos os rompimentos

A morte é igualíssima

...

Todas as ações, cruéis, piedosas ou indiferentes, são iguais.

Contudo, o homem não é igual a nenhum outro homem, bicho ou coisa.

...

Ninguém é igual a ninguém. Não é igual a nada.

Todo ser humano é um estranho ímpar.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Este estudo foi desenvolvido com o propósito de avançar na conscientização dos atores do contexto escolar, sobre a necessidade de tratar a problemática, por nós levantada, diz que: como o educador das séries iniciais no ensino fundamental aborda o tema “preconceito étnico” e como ele se manifesta? O levantamento, de igual modo, objetivou conscientizar os professores e motivá-los a trabalhar a lei 10.639/03 que aborda a obrigatoriedade do ensino da cultura e história afro-brasileira e africana nos conteúdos escolares. O estudo de caso foi norteado pelas observações e um maior envolvimento com sujeitos do âmbito escolar como: professores, coordenadores, pedagogos, alunos, participantes ativos do movimento negro e ativista do meio cultural. O levantamento de dados foi realizado por meio de fatos históricos vividos neste contexto. Nosso ponto de contato e observação foi uma escola municipal, situada em Planalto Serrano, Bloco A, em Serra/ES. Diversos atores e organizações contribuíram para o sucesso dessa pesquisa. O Centro do Estudante Afro-Brasileiro (Ceafro) por meio de seu livro *Igualdade das relações étnico-raciais na escola* nos orientou a entender as relações e possibilidades para a implementação da lei 10.639/03, conjuntamente, Eliane Cavalleiro (2001), com o livro *Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola*, dentre outros referenciais teóricos. Esta pesquisa nos mostrou a trajetória que se precisa fazer ainda quanto ao combate relacionado ao preconceito e suas manifestações, e nos fez identificar ainda a necessidade urgente de tratar a temática e conscientizar alunos, professores e toda comunidade escolar da importância de todos na luta para um país mais igualitário.

Palavras-chave: Igualdade - Conscientização - Preconceito.

ABSTRACT

This study was developed with the purpose of advancing awareness of the actors in the school context, the need to handle on the problems raised by us that says, as the educator of the early grades in elementary school addresses the subject of "ethnic prejudice" and how it manifests? The survey aimed similarly educates teachers and motivate them to work the law 10.639/03 which addresses the mandatory teaching of culture and history African-Brazilian and African content in school. The case study was guided by the observations and greater involvement with the subject under educated as teachers, engineers, educators, students, active participants in the movement of the black activist and cultural environment. The survey was conducted by experienced historical facts in this context. Our point of contact and observation was a public school, located in Planalto Serrano, Bloco A, in Serra/ES. Several actors and organizations contributed to the success of this research. The Center Student Afro-Brazilian (Ceafro) through his book *Igualdade das relações étnico-raciais na escola* guided us to understand the relationships and possibilities for implementation of the Law 10.639/03, Elian Caballero (2001), with the book *Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola*, among other theoretical frameworks. This research has shown us the path you need to do even as the combat-related bias and its manifestations and made us even identify the urgent need to address the issue and educate students, teachers and the entire school community of the importance of all in the fight for a country more egalitarian.

Keywords: Equality - Awareness - Prejudice.

LISTA DE SIGLAS

CNE/CP – Conselho Nacional de Educação/ Conselho Pleno

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IES – Instituição de Ensino Superior

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEC - Ministério da Educação

NU – Informativo Cultural da Serra

UNEGRO – União de Negros pela Igualdade

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 ABORDAGEM DA PROBLEMÁTICA	12
2.1 AMPLIANDO A DISCUSSÃO PARA SE PENSAR SE PENSAR NO PRECONCEITO ÉTNICO.....	14
2.2 FORMAÇÃO DE PROFESSORES: POSSIBILIDADES DE MUDANÇAS.....	16
2.3 COMO TEM SIDO PENSADO TEORICAMENTE	16
3 REPENSANDO O PERCURSO DO PRECONCEITO NO BRASIL E SUAS INTERPRETAÇÕES HISTÓRICAS.	18
3.1 CONCEITUANDO E ENTENDENDO A RAIZ DAS DISCUSSÕES DO PRECONCEITO ÉTNICO.....	18
3.2 POSSÍVEIS SURGIMENTOS DE CORRENTES RACISTAS	20
3.3 ESCRAVIDÃO, O FIM OU O COMEÇO DE UMA LUTA.....	20
3.3.1 Comunidades Quilombolas no Brasil.	21
3.3.2 A Presença de Quilombos no Espírito Santo	22
4 MOVIMENTOS SOCIAIS, UM ALIADO CONTRA O PRECONCEITO E SUAS MANIFESTAÇÕES.	23
4.1 A TRAJETÓRIA DE IDEALISTAS E SEU INCONFORMISMO.	24
4.2 A REVOLTA DE QUEIMADOS E SIGNIFICAÇÕES RELEVANTES.	25
4.3 VALORES CULTURAIS E A CONTRIBUIÇÃO DOS NEGROS.....	27
4.3.1 História do Negro Capoeiro	29
5 O QUE DIZ O INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE).	29
6 UM OLHAR SOBRE OS CAMINHOS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/2003.	31
6.1 A ESCOLA E O CURRÍCULO	34
6.2 O ENSINO E O ANTIRRACISMO	34
6.2.1 Educação e Preconceito	35
7 METODOLOGIA	36
8 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA	37
8.1 Observação na sala de alunos do 1º ano.....	38

8.1.2 Observação em uma sala de alunos do 4º ano	39
8.1.3 Observação em outra sala de alunos do 4º ano	41
8.2 ENTREVISTA AOS PROFESSORES COM COMENTÁRIOS DAS PESQUISADORAS	44
8.3 ENTREVISTA AOS PEDAGOGOS E OS COMENTÁRIOS DAS PESQUISADORAS	56
9 NARRATIVAS E INTERVENÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR	62
9.1 RELATO DE ALUNOS DAS SÉRIES INICIAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL ..	64
9.2 RELATO DE UMA PROFESSORA DO PROJETO MAIS EDUCAÇÃO	65
10 CONCLUSÕES FINAIS	66
11 REFERÊNCIAS	68

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo entender as relações que envolvem o preconceito racial, por que este acontece e como os educadores têm tratado este assunto no ambiente escolar. A busca por respostas acerca deste tema, principalmente no contexto escolar, surgiu no momento em que nos deparamos com inúmeras formas de preconceito de alunos que não aceitam o outro pela cor da pele e os tratam com indiferença.

Algo que vamos investigar é a maneira pela qual o educador tem tratado esta temática.

Temos visto educadores que ignoram o fato e diz ao aluno ofensor para parar simplesmente, sem tomar nenhuma medida aprofundada a respeito da agressão verbal, o que só faz aumentar a raiz do preconceito nos mesmos por caracterizar como algo irrelevante.

Podemos constatar que existem alunos que convivem com o negro, sem fazer esta má diferenciação, que pensa que o negro é inferior, portanto incapaz.

Percebemos a assustadora realidade que é o preconceito racial. Sendo assim, temos o grande desafio de aprofundar nossos estudos para entender, analisar e refletir acerca da forma como é tratado o assunto no contexto escolar. Acreditamos na urgência de ações educativas que assegurem a todos o direito de poder ser visto como parte da raça humana e não como ser passivo de piedade.

Como educadores temos a missão de orientar e incentivar a inclusão de conteúdos que levem o aluno a refletir a respeito do assunto, sem o preconceito que tanto tem dividido nossa sociedade; levar para as salas de aulas discussões que contribuam para o crescimento do caráter do indivíduo na sociedade fazendo com que a cultura dos negros, seja reconhecida pela sociedade brasileira, pois o negro tem sua parcela de contribuição na formação cultural do Brasil desde a religião, a culinária, a língua, dentre outros.

Esta pesquisa apresenta as formas de preconceito apresentadas no cotidiano escolar, como os educadores têm tratado esta problemática, como os gestores do contexto escolar têm lidado com situações frequentes e cotidianas. A cada instante a viabilização de políticas e condições que permitam o professor se aprofundar e entender a importância da contextualização histórica do negro no Brasil desde a colonização se torna viável, pois ainda é grande o número de professores que se dizem não estar preparado para a discussão desta problemática, o que leva a instituição escolar, ou melhor, a educação, comportar um grande quantitativo de preconceito dentre os estudantes, familiares, educadores e gestores de tal educação.

Percebemos também no ambiente escolar que por não ter um aprofundamento e uma contextualização do negro mais voltado para a valorização do mesmo, existe muito desconhecimento tanto do professor quanto dos alunos no que diz respeito à historicidade do negro, ficando assim em muitas vezes, sem relação e motivação para o estudo da origem do negro no Brasil e sua relevância na sociedade.

Desse modo, notamos que quanto menor se apresentar o número de ações intencionais desenvolvidas para a prevenção e intimidação da classe dominante, com conceitos em elevados níveis de aversão ao que é contrário ao “padrão social” mais teremos que conviver com o preconceito, pois o cerne deste trabalho é a valorização da luta do combate a ele. Entendemos que a visão de extinguir de vez o preconceito seria uma visão tanto utópica o que não é o objetivo deste trabalho, porém, devemos nos empenhar para sua extinta existência.

Nosso objetivo é ampliar as discussões no ambiente escolarizado visando apoio dos profissionais de educação no combate ao preconceito, orientando a sociedade sobre a relevância de tratar tal assunto nestes contextos, entendendo como se manifestam as práticas racistas e quais os subterfúgios de enfrentamento, pensando conjuntamente com os educadores uma maneira para o trabalho da temática de educação etnicorracial a partir da lei 10.639/03, que trata da obrigatoriedade da história e cultura afro-brasileira e africana, nos currículos tanto de instituições públicas como privadas.

Segundo Moore (2007, pg. 28), “A insensibilidade é preconceito do racismo”, pois a partir de olhares preconceituosos em direção à temática só se faz expandir o racismo, fazendo com que haja cada vez mais números assustadores quanto a este problema que abrange toda a sociedade. Ainda segundo Moore (2007, p.29), “em uma sociedade comprovada cientificamente e com fundamentações teóricas do seu racismo, a subestimação e a trivialização do racismo originam-se de uma necessidade ideológica”.

Esta pesquisa se desenvolveu em capítulos que traz todo um traçado de como tem se dado preconceito na área educacional, e quais os métodos de enfrentamentos utilizados por profissionais atuantes na educação.

No primeiro capítulo trouxemos a abordagem da problemática onde nos questionamos sobre os posicionamentos da sociedade e dos professores sobre a lei 10.639/03 que trata da obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas instituições de ensino. Segundo o diretor de educação para a diversidade do Ministério da Educação (MEC), tem se tornado uma tarefa árdua a implementação deste conteúdo no currículo escolar devido ao despreparo dos professores quanto à temática, sendo ainda poucos que se dispõem a trabalhar tal tema entendendo sua tamanha complexidade, se fazendo assim maior ainda a inclusão de tal conteúdo nos currículos escolares.

No segundo capítulo tratamos sobre o significado dos termos que se diferencia em seus conceitos como, por exemplo, racismo e preconceito, raça e etnia, dentro deste mesmo capítulo em forma de subcapítulos abordamos o percurso do preconceito no Brasil e suas interpretações históricas, tratando do preconceito desde a época da escravidão, desde os primeiros indícios do preconceito no Brasil e no mundo. Ao longo deste processo de conhecimento dentro deste capítulo abordamos de maneira significativa a escravidão como o início ou fim da escravidão, usando uma ferramenta importante que é a crítica da abolição da escravatura, também trazemos aspectos importantes quanto os quilombos existentes no Espírito Santo, pois entendemos a importância destes para o movimento quilombola, abordamos sobre os movimentos sociais e suas contribuições e objetivos quanto ao preconceito, entendemos a necessidade de contribuirmos com informações a respeito de alguns

idealistas que combateram ao preconceito e toda forma de escravidão fazendo resgates históricos acerca de suas histórias falas sobre o que diz as estatísticas sobre o negro na sociedade, quais as conquistas e mitos em relação ao preconceito, evasão escolar o que dizem alguns autores sobre a escola e o currículo, ainda envolvendo o segundo capítulo, teremos um olhar sobre a implementação da lei 10.639/2003, trazendo importantes histórias sobre a cultura trazida pelos afro-brasileiros dentre eles o congo e capoeira onde finalizamos este momento de percurso histórico e teórico.

No terceiro capítulo trouxemos a metodologia como forma de nortear esta pesquisa usando o estudo de caso de acordo com GIL (2009), relatando neste momento como os dados foram analisados.

No quarto capítulo trouxemos discussões sobre a apresentação dos dados da pesquisa o que foi relevante para um novo olhar das autoras desta pesquisa quanto ao preconceito no ambiente escolarizado e suas significações para os que compõem este espaço.

E no quinto capítulo desta pesquisa estão nossas considerações finais que podem nos nortear sobre posicionamentos e atitudes importantes para a efetiva luta contra o preconceito étnico.

2 ABORDAGEM DA PROBLEMÁTICA

No intuito de avançar nos estudos sobre o preconceito racial e suas origens, nos aprofundamos a conhecer mais sobre a temática e sua manifestação em sala de aula. Como se dá e quais os atores presentes e o que pensam. Através de autores que discorrem sobre o tema, vamos contextualizar o surgimento do preconceito, e

com base em que momento vivido estes autores defendem suas ideologias e comportamentos.

No Brasil são vítimas de discriminação: os negros, os índios, os pobres,obesos , homossexuais, e todos aqueles que fogem do 'padrão' social, mas vamos abordar, neste trabalho, o preconceito, um tipo de mal que assola toda sociedade e que desde tempos atrás até o século presente é percebido a existência do mesmo no Brasil.

Ainda hoje em nosso país o preconceito é muito grande, muitas crianças sofrem caladas a dor de serem desprezadas pela cor de sua pele e por receberem apelidos desagradáveis por isso. Diversos alunos sequer comentam o assunto em casa com os pais. Isso faz com que a escola para eles se torne um lugar de humilhação e desprezo, que interfere no aprendizado.

É possível que as famílias negras, observem se seus filhos estão sofrendo preconceito na escola, que tenham conversas de incentivo com eles, para que não deixem de se dedicar aos estudos devido ao preconceito sofrido nas escolas. As crianças negras que recebem um suporte familiar têm maior chance de superar o racismo e ter um bom desenvolvimento no processo de ensino e aprendizagem.

O professor por estar envolvido no ambiente escolar, tem uma parcela de envolvimento no combate ao preconceito, basta ele não se omitir, estudar o assunto e com consciência, falar sobre o assunto com seus alunos. O Educador tem um poder de influência muito grande sobre os alunos, às vezes até maior que os pais. O professor que vê um aluno sofrer preconceito em sala de aula e simplesmente diz para o aluno agressor "parar", contribui para que o preconceito continue e se houver um mau desempenho escolar por parte do aluno agredido ele tem sua parcela de culpa.

As escolas tem tido um papel valioso na sociedade no que se trata da banalização do racismo, pois mesmo com leis específicas como a que garante um conteúdo tão relevante como o ensino da cultura e da história indígena e afrodescendente nas escolas. O preconceito tem se espalhado por toda a sociedade, deixando em nossas crianças negras, pobres e menos favorecidas marcas profundas.

Armênio Bello Schmidt diretor de Educação para a Diversidade do Ministério da Educação (MEC), afirma e reconhece que apesar de ser difícil monitorar esta implementação, um problema concreto é que os educadores não se dizem preparados para tratar desta temática em sala de aula e quando este assunto é tratado, isto acontece por educadores negros e não é este o avanço que precisamos, é preciso retirar de forma consciente este pré-conceito de nossos educadores para podermos avançar as discussões acerca da temática com nossos alunos.

Sabemos que a escola é o ambiente no qual a criança vivencia desde muito cedo todas as suas experiências com relação a sua identidade. Em relação ao que a criança está se tornando, a escola ao elaborar suas regras, está fazendo parte da construção da identidade deste indivíduo, que ocorre boa parte dentro das escolas. Pois é o lugar onde os indivíduos aprendem a interagir e compartilhar aprendendo as relações sociais e começando a entender o que o mundo exige deles. Assim, o aluno percebe que faz parte de uma sociedade e que é impossível viver isolado da mesma.

É exatamente neste ambiente que os alunos negros começam a se reconhecer e nem sempre de maneira suave, doce, agradável. É difícil constatar esta realidade, por saber que vivemos em um país de tantas diversidades culturais, econômicas, religiosas dentre outras. Então pensamos, porque há tanta discriminação racial em nossas escolas? O que podemos fazer para amenizar esta realidade?

Dentre tantas problemáticas e diante deste impasse que o preconceito racial nos apresenta nas escolas perguntamos: **preconceito étnico nas séries iniciais : como ele se manifesta?**

2.1 AMPLIANDO A DISCUSSÃO PARA SE PENSAR NO PRECONCEITO ÉTNICO

Segundo Moore (2007), na Grécia e em Roma era comum que fizessem a diferenciação de um ser humano e outro baseado em seu fenótipo. Usavam

expressões totalmente racializadas, a aversão por tudo o que era contrário o que julgavam como padrão.

Inicialmente, esta diferenciação se dava também entre os brancos europeus. Os Greco-romanos os escravizavam e os tinham como tais por sua condição inferiorizada por não terem recursos financeiros. Com a extensão do imperialismo helenístico e romano ao norte da África e ao Oriente Médio isto mudou, com a conquista e colonização destes territórios, assim só foi progredindo a mentalidade racista da época.

Hoje no século XXI, queremos combater o racismo com políticas públicas eficientes que fortaleçam o movimento negro em favor da dignidade e respeito àqueles que foram humilhados e submetidos a torturas pelo fator fenótipo.

De acordo com o relato de Marcelo Paixão, na revista IPEA, o racismo tem sua essência naqueles que negam a existência do mesmo em nosso meio social, em espaços institucionalizados e na sociedade em geral. São indivíduos, que não acreditam em um país igual para todos, os que são contra o movimento negro e sua luta a favor dos afrodescendentes, que só fazem enfraquecer esta luta contra o preconceito racial.

Esta mesma relação ocorreu com o povo Greco-Romano, onde apanhavam casos isolados como o citado por Moore(2007), em seu livro *Racismo e Sociedade*, onde fala sobre um imperador romano cujo nome Septimius Severus, um africano europeizado, que se casou com Julia Domna uma mulher branca, o que não indica em nada a aversão existente quanto aquele povo aos negros e escravos que não eram vistos como cidadãos.

Assim se dá nos dias atuais onde o que se vê não é uma aceitação do negro, mas um olhar superficial onde fala que não tem preconceito, enquanto este existe e está enraizado na sociedade, nos mínimos sentimentos que são demonstrados por seres de estereótipos diferentes. É intrigante como se apanham casos isolados para serem citados, negando o racismo existente na sociedade o que também ocorreu com a civilização Greco-romana e hoje acontece no Brasil e no mundo.

2.2 FORMAÇÃO DE PROFESSORES: POSSIBILIDADES DE MUDANÇAS

Segundo (MEC) 2006, para que a questão étnico-racial seja abordada em sala de aula, é preciso que profissionais da área de educação sejam capacitados profissionalmente pelas universidades de Ensino Superior (IES), e a partir daí ele, o próprio profissional da educação, passará a fazer com que o tema preconceito racial, seja tão simples e igual a qualquer matéria aplicada em sala de aula. É preciso haver uma capacitação para todos, para que haja entendimento do assunto, desse modo possam trabalhar de forma natural dentro das instituições de ensino, formando cidadãos conscientes de que todos nós somos iguais, e que a cor da pele não faz nenhuma diferença à pessoa que está ao seu redor. Essa é uma realidade que todos queremos em um futuro breve que seja real, não mais existir nenhuma forma de discriminação racial no mundo.

As instituições de ensino devem trabalhar a questão de forma que os profissionais de educação sejam preparados para tratar do assunto, de forma natural, contextualizando e entendendo a história e cultura do negro, possibilitando ao outro entender e perceber a relevância, e não se restringir somente a datas comemorativas como: dia do índio em 19 de abril e dia da consciência negra, dia 20 de novembro.

Este modo de tratar a história do negro faz com que o aluno negro, não consiga fazer uma relação profunda entre ele e o negro da antiguidade.

2.3 COMO TEM SIDO PENSADO TEORICAMENTE

Vivemos um momento com certeza de avanços e novas possibilidades, a cada dia a humanidade entende mais sobre a importância da valorização humana e compreende a necessidade de avanços quanto à igualdade social.

Hoje já podemos notar a presença de leis que dão condições reais para que se possa tratar de assuntos relacionados ao negro e sua contribuição na história.

Esta história deve ser contextualizada de forma a valorizar a importância da cultura dos negros, com intuito de amenizar o racismo existente em nossa sociedade, desde muito tempo atrás até os dias atuais. Entendemos também que não é pelo simples fato de existirem leis específicas, colaborando com esta temática, que o preconceito deixará de existir isto é pouco provável que ocorra, mas, mesmo assim torna-se importante a introdução deste estudo, uma vez que muitos educadores não tem a lei 10639/2003 (que trata da obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro brasileira, nas escolas), como algo relevante.

De acordo com Cavalleiro (2001), onde o movimento negro mais tem inserido conceitos importantes para a diminuição do racismo é no espaço escolar. Por meio de estudos, congressos, seminários e afins, tratando da temática em busca de conhecimento e entendimento sobre o assunto, só assim os educadores se sentirão capazes para trabalhar em sala de aula, organizar debates que irão nortear ao aluno negro que sofre com o preconceito diariamente seja por 'brincadeiras', ou não, em rumo a sua própria identidade.

Cavalleiro (2001, pag. 70), traz o pensamento de diversos profissionais da educação e entrevistas de suas falas sobre o preconceito racial em sala de aula, dentre elas, está o pensamento de um professor do ensino fundamental que diz:

[...] Muitas atitudes passaram despercebidas para mim, até por não conseguir ver maldade nisso, agora vejo quanta humilhação à gente pode causar a uma pessoa sem se dar conta disso. (MGM professor do ensino fundamental)

Então percebemos que além de leis específicas, são necessárias ações que irão possibilitar o educador trabalhar de forma coerente o assunto em sala de aula, com intervenções importantes que poderão mudar o rumo do desenvolvimento do aluno seja este emocional ou cognitivo.

3 REPENSANDO O PERCURSO DO PRECONCEITO NO BRASIL E SUAS INTERPRETAÇÕES HISTÓRICAS.

3.1 CONCEITUANDO E ENTENDENDO A RAIZ DAS DISCUSSÕES DO PRECONCEITO ÉTNICO.

Percebermos que através do conhecimento poderemos lutar por nossos direitos e por um país democrático e com o direito de todos assegurados, vamos avançar em quaisquer lutas em que nos envolvermos é a partir deste princípio que vamos nos aprofundar, nos conhecimentos sobre etnia e preconceito racial para posicionamentos além do abismo de achar e saber cientificamente.

De acordo com Lopes (2008), a diversidade étnica racial é um julgamento que se faz antes de conhecer a pessoa ou um determinado grupo é a verdadeira prática do preconceito ou racismo.

Lopes ainda traz importantes interpretações em seu olhar sobre etnia e preconceito racial.

O termo etnia representa os diferentes povos e suas culturas, étnico racial para os militantes e intelectuais, refere-se a este termo como as representações histórico-sociais e culturais dos negros no Brasil.

De acordo com Lopes (2008) O racismo é uma ação clara, onde um indivíduo trata o outro de maneira inferiorizada por suas características físicas ou culturais considerando-se superior ao outro.

Segundo Heller (1992), “preconceito representa um sentimento de juízo provisório frente a argumentos racionais”, sendo assim, pode dizer que uma vez que este é provisório então existe a possibilidade de mudanças e é neste percurso que devemos seguir rumo à inexistência do mesmo em uma sociedade de fato para todos independente de níveis sociais e características físicas.

Dentro destes conceitos é importante entendermos também o termo raça que a autora considera como uma conotação política o que nega a concepção biológica que hierarquizam as raças, (Simões 2008, p.24).

Nossa sociedade em diversos momentos esteve impregnada de preconceito e o preconceito racial é uma luta de todos, pois é inaceitável que em um século de transformações de pensamentos e renovações científicas e legislativas não haja o mínimo de racionalidade no ser humano. Sendo assim, torna-se extremamente necessário o estudo e o avanço sobre esta problemática que se expandiu grandemente em todo país, o preconceito racial nas séries iniciais e em outros contextos.

Bazílio e Kramer descrevem como se dá o preconceito que ele considera como violência e traz um importante olhar descrevendo que este se dá de forma histórica.

“historicamente, a violência sempre foi utilizada como marca de dominação de uma classe sobre outra, de um gênero, de uma idade, de um grupo social sobre outro. Mas parece agora que ela se generaliza e se transforma em moeda corrente em nossa sociedade.” Bazílio e Kramer (2003 p111).

Então se torna inviável pensar o preconceito racial como fruto de indivíduos isolados ou algo recente, pois desde séculos anteriores é fato sua existência.

3.2 POSSÍVEIS SURGIMENTOS DE CORRENTES RACISTAS

De acordo com Moore (2007, p.28), talvez a primeira corrente de pensamento racista tenha chegado ao Brasil a partir dos anos 2000, que é quando o estado preocupa-se com o avanço das desigualdades sociorraciais emergentes.

Ainda segundo Moore (2007), foi através de teses revisionárias que as noções racistas subsistem até o presente século (XXI), é com pensamento de nação dominante que em busca de ideologias visam expandir o preconceito no Brasil e absolutamente busca promover cada vez mais uma sociedade aonde a superioridade vem não de caráter pessoal, mas de características puramente física.

Esta banalização só tem um intento que é depreciar a luta principalmente do negro em favor de maior justiça e igualdade para todos, em uma sociedade em que o branqueamento é tido como normal e preciso na sociedade.

Há uma grande barreira em dizer que o negro tem os mesmos direitos que o branco e o fato real de ser e ter legitimamente estes direitos assegurados.

O fato é que existe de fato o preconceito e não podemos, nos distanciar de tal problema, pois, este é um problema social, político e também em ampla dimensão, econômico.

Em 2001 em Durban na África do Sul houve uma conferência mundial, onde se retomou fortemente a discussão sobre o racismo no mundo de forma global. Fato este que traz à tona o que diversos setores públicos tentam cobrir a respeito deste tema que tem se propagado a cada dia e também combatido pelas organizações de luta contra o mesmo na sociedade. Por isso que o governo ficou responsável por estabelecer objetivos de poder internacional para diminuir este ato tão inaceitável.

3.3 ESCRAVIDÃO: O FIM OU O COMEÇO DE UMA LUTA?

É neste contexto de reflexão que iniciaremos nossa discussão e buscaremos também por um avanço no entendimento de uma libertação que só fez aprisionar mais o homem negro na sociedade,

Após uma longa e duradoura luta para libertação dos escravos que serviam os feudais, no dia 13 de maio de 1888 foi sancionada a lei áurea que previa a libertação dos mesmos, claro que este processo foi acontecendo lentamente. Pois os que foram 'libertados', não contavam mais com seu trabalho e conseqüentemente com suas casas e alimentos sendo assim, para não morrerem de fome optaram claro, por se manterem livres escravos.

O Brasil foi o último país de fato a abolir a escravatura e ainda hoje existem pequenas lavouras dentre outros sistemas escravistas no Brasil, em que os negros vivem em condições precárias e desumanas, e o que ganham o dia inteiro de sol a sol é para sua mais que básica sobrevivência.

Ainda relacionando à escravidão nos dias atuais relatamos que apesar de tal libertação, os negros continuam a ser escravizados, porém de forma legal, pois quando vemos o negro exercendo a mesma função de uma pessoa branca e recebendo um valor inferior podemos distinguir tal ação como um preconceito contra um povo liberto por uma lei, mas preso por suas características (cor, traços físicos), o que a muitos é atribuído como inferior ou incapaz. O negro escravizado do passado que obedecia a regras, não possuía bens somente sua força de trabalho a qual seus senhores as explorava para além do necessário, submetendo as mesmas condições desumanas de vida. Atualmente, ainda sofre por tantas causas visíveis em toda sociedade. São necessárias não somente políticas públicas que assegurem direitos aos negros é preciso a implementação de leis que contribuam para o avanço deste povo na sociedade em âmbitos sociais, políticos, econômicos e afins.

3.3.1 Comunidades Quilombolas no Brasil.

Segundo OLIVEIRA (2009) os primeiros africanos a chegarem ao Brasil foram por volta de 500 anos, vieram em navios precários para serem escravizados. Também vieram reis, rainhas, princesas, ferreiros e pessoas entendidas na cultura, na criação de gado e atividade agrícola. Com seu trabalho fortaleceram a economia da cana-de-açúcar, do algodão, do café e da mineração.

Os negros daquela época se organizaram de forma política e social para manterem suas tradições culturais e não aceitarem a escravidão. Dessa organização, surgiram grupos que conseguiram trabalhar de forma autônoma, são os quilombolas.

3.3.2 A Presença de Quilombos no Espírito Santo

Ainda de acordo com OLIVEIRA (2009) no Espírito Santo os quilombos eram liderados por Benedito conhecido como (Benedito Meia-Légua), Rogério (Negro Rugério) e Silvestre (o Magô) eles lideraram a luta contra a escravidão no estado. Alguns desses africanos são lembrados como acervo cultural e político, um deles é o Quintungo de Benedito Batista no Córrego Do Macuco em São Mateus-Linhares.

Hoje, no estado do Espírito Santo, segundo estimativa do movimento quilombola, existem mais de 70 comunidades quilombolas, sendo que 31 (trinta e uma) estão reconhecidas com certificados pela Fundação Cultural Palmares do Ministério da Cultura. Os objetivos das comunidades quilombolas no estado são: promover os valores culturais, sociais e econômicos, reforçar as lutas pela cidadania, identidade, ação e memória dos segmentos étnicos que compõem essa sociedade.

4 MOVIMENTOS SOCIAIS, UM ALIADO CONTRA O PRECONCEITO E SUAS MANIFESTAÇÕES.

É preciso que professores do município, estado e todo o corpo governamental se envolvam com políticas públicas que visem à disseminação do tema preconceito raciais, porque quanto mais se sabe de um assunto, mais iremos ter força para lutar contra ele.

No país existem diversas leis específicas para todo e qualquer problema existente, o que falta é o cumprimento destas leis.

Dentre os que lutam por uma condição de vida melhor para os negros, não podemos deixar de citar a União de Negros pela Igualdade – a UNEGRO (entidade suprapartidária, pluri-religiosa e pluri-racial, de maioria afro-brasileira) é uma entidade que luta para que o preconceito seja no máximo extinguido em nosso país.

A UNEGRO (União de Negros pela Igualdade) foi fundada em 14 de julho de 1988, em Salvador Bahia, por um grupo de militantes do movimento negro para articular a luta contra o racismo, com a luta de classes e as desigualdades de gênero. Entidade esta que formula propostas e luta para que as instituições públicas e privadas possam articular maneiras para vencer o racismo estabelecendo igualdade, acreditando que é possível um mundo melhor sem tanta miséria e preconceito racial. Movimentos com ações voltadas para os negros se tornam referenciais de luta, uma vez que o governo apesar de leis não trabalha com rigor para a efetivação das mesmas, fazendo pouco em vista do grande sofrimento que os negros foram acometidos há mais de 1500 anos. É difícil falar em negros e não nos lembrarmos daqueles que contribuíram para a história de luta dos negros em favor da tão sonhada libertação. Em nome de seus ideais muitos perderam suas vidas, seja por acreditar em seus superiores políticos ou religiosos ou simplesmente naqueles que exploravam sua força de trabalho em suas gigantescas fazendas e empresas da época, que de uma maneira ou de outra os submetiam a uma ilusão, fazendo que eles se rebelassem e chegassem a perder suas vidas.

4.1 A TRAJETÓRIA DE IDEALISTAS E SEU INCONFORMISMO.

De acordo com MORTE (2013) o que lemos em nossa trajetória acadêmica ainda no ensino médio regular de ensino, como a trajetória de Zumbi dos Palmares nos impressiona por causa de sua garra e determinação.

Diz a história que Gamga Zumba era o líder de palmares, porém já estava cansado das constantes guerras travadas contra as forças institucionalizadas, deixou se render pela proposta carregada de interesses do poder político da época, aceitando o acordo proposto pela elite social.

Existia um homem em seu arredor que transformaria toda aquela situação, e isto ocorre quando Zumbi dos Palmares se ergue como líder dos quilombos. Os quilombos eram onde os negros fugitivos habitavam, de tantos que haviam os quilombos eram tidos como comunidades quilombolas.

Ainda segundo MORTE (2013), Palmares lutou incansavelmente contra o sistema político que vinha contra ele e todo povo negro. Ele compreendeu os desejos políticos interesseiros envolvidos naquele processo que superficialmente era a libertação de alguns e se colocou contra Gamga Zumba, sendo aceito pelo povo e se tornando um dos maiores líderes da história por ter se dado tanto não aceitando uma libertação precária e coberta de interesses, Zumbi não conquistou a vitória desta guerra embora tendo vencido diversas outras lutas. Sofreu as consequências, sendo entregue a morte por causa de seus ideais libertários.

Segundo a UNEGRO (2004), na contemporaneidade podemos observar como a sociedade avançou, podemos dizer que Palmares foi vencido militarmente nas últimas guerras, mas politicamente os derrotados foram os bandeirantes mercenários que a destruíram.

Devido ao significado histórico e social, Zumbi dos Palmares é lembrado sempre e no dia 20 de novembro é relembrado por ser o dia de sua morte, esta data lhe é

dedicado por toda sua luta, coragem e dedicação e pela sua batalha com e pelos negros. O dia 20 de novembro é comemorado em todo Brasil como o dia da consciência negra, o que agrega para os negros, a demonstração global da importância deste idealista na história dos negros no Brasil.

4.2 A REVOLTA DE QUEIMADOS E SIGNIFICAÇÕES RELEVANTES.

De acordo com a revista de informativo cultural do município de Serra ES publicada em 2008 (NU), a rebelião dos escravos da freguesia de São José dos Queimados, ocorreu devido a um boato que rodeou o povoado e os escravos vieram, a saber, que se trabalhasse em seus dias de folgas na construção do templo dedicado a São José, eles ganhariam a carta de alforria tão sonhada por todos os escravos, no dia da inauguração no horário da missa.

Ainda de acordo com a revista de informativo cultural do município de Serra ES publicada em 2008 (NU), No dia 13 de março de 1849 fica pronto o templo da igreja católica, então cerca de 200 escravos, se escondia no mato e alguns deles se vestiram de roupas como de homem livre, feliz por acreditar que receberia a tal carta de alforria. Conforme relatos eles se vestiam de aparência otimistas e convictos que após a missa seriam livres. Percebendo algum senhor talvez, que não fosse a favor da alforria e, de repente, já atento ao não cumprimento da promessa eis que grita “Viva o Bacalhau”, que era o mesmo que dizer ‘viva o chicote’, então houve uma grande confusão sendo intermediada por algum pacificador e expulsando os negros daquele momento, onde haviam se achegado a eles, e se foram não satisfeitos, mas tiveram que acatar a ordem é o que acreditamos.

Ainda segundo a revista de informativo cultural do município de Serra - ES, publicada em 2008 (NU), o frade Gregório de Benne o qual havia prometido aos

escravos a carta após a construção da igreja católica negou por mais ou menos três vezes ter prometido aos negros tal coisa, então os escravos que estavam desde então escondidos no mato foram até as fazendas exigirem suas cartas o que outra vez não lhes foram concedidas pelo contrário no dia seguinte foram caçados como animais e a maioria foram recapturados sendo dois líderes dentre eles, Chico Prego e João enforcados.

Então, com esta história ocorrida em 1849, podemos ver quantos desgastes, quantas promessas feitas e quebradas em favor de interesses extremamente de exploração, ganância e por poder, mesmo que pessoas tivessem que ser aprisionadas uma vez que estas não eram vistas como pessoas com almas e sentimentos só como mercadoria; não importava assim, o tamanho do sofrimento.

Já finalizando o que trouxemos sobre a história da Insurreição de Queimados para futuras memórias pouco se restará, pois o templo construído pelos escravos em 1849, o que resta no presente séculos são suas ruínas erguidas seguras por apoios as paredes do templo da igreja católica dedicada a São José.

Ainda segundo a UNEGRO (2004) “A natureza do racismo é sistêmica.” Diversos interesses sempre estiveram enraizados, como os interesses sociais, políticos e econômicos, principalmente da classe dominante. Este último lucra com a desigualdade socioeconômica produzida pelo racismo.

No Brasil é percebido o imenso abismo, que os negros têm que superar para ter que legitimar seus direitos, em relação ao branco, o negro ainda sofre por causa do preconceito racial existente.

Isto já era para ter chegado ao fim, uma vez que o negro por séculos sofreu com a escravidão. Preconceito falta de oportunidade no mercado de trabalho, baixíssimo rendimento escolar devido ao conceito em sua volta sobre sua origem, salários menores quando são concedidos a estes o direito do trabalho digno. Em todas as dimensões quer seja social, econômica, política o negro paga o preço por simplesmente ser negro. Por isso são necessárias ações afirmativas, garantindo assim o acesso dos negros em todas as escalas sociais de igualdade para o branco.

4.3 VALORES CULTURAIS E A CONTRIBUIÇÃO DOS NEGROS.

Em diálogo com o senhor Carlos Augusto Ferreira Montarroyos de 51 anos, natural de vitória ES, e atualmente morador de Serra-Es, é funcionário público municipal, membro fundador da sociedade cultural Banda de Congo Konshaça no ano de 1980, participante ativo da banda, em Serra ES, onde reside e trabalha. Já participou do conselho de negros pela (FAMS) Federação das Associações de Moradores da Serra ES, membro fundador da associação de moradores do bairro São Lourenço no ano de 1989, obteve sua participação no resgate dos festejos na festa do negro na ressurreição de queimados no ano de 1989, atualmente é participante no conselho de cultura municipal e coordenador regional de Serra B pela FAMS no seu quinto mandato, sempre está envolvido com os festejos de São Benedito em Serra, principalmente nas missas em homenagem ao santo negro (São Benedito) no dia 26 de dezembro. Sempre envolvido em aspectos culturais em sua comunidade dentre outros bairros, ouvimos importantes relatos dele sobre a cultura dos negros e suas contribuições e o negro capoeiro e a importância deste para nossa sociedade passada e atual.

Segundo Montarroyos (2013), o congo trouxe importantes contribuições e se originou dos negros africanos, por volta de 1858, quando um navio negreiro naufragou em águas capixabas em alto mar, dentro dele havia vários tripulantes. Na bagagem eles traziam vários pertences pessoais bem como animais domésticos e instrumento de percussão como tambores da África da cidade do Congo, eles foram enganados por homens da origem da coroa portuguesa trazidos para o Brasil para trabalhar na lavoura com uma recompensa e conforto, pois dentro do navio na viagem eles foram anunciados que estavam sendo escravizados, pois estes povos negros foram tirados, enganados do seu país de origem e trazidos para o Brasil. Dentro de todo sofrimento eles trouxeram uma grande cultura: o congo, que foi formado por 27 negros que sobreviveram ao naufrágio e foram distribuídos em cada fazenda. Eles formaram os terreiros de congo para homenagear o santo negro (São Benedito), devido a grande admiração que eles tinham por ter sobrevivido ao naufrágio. Nesse episódio, eles se apegaram ao mastro do navio e pediram proteção

ao santo negro e fizeram uma promessa que se chegassem salvos em terra firme iriam fazer uma festa.

Ainda de acordo com Montarroyos (2013) estes rituais sempre são lembrados até os dias de hoje, nas festas de São Benedito de outubro a janeiro em várias cidades do Espírito Santo, e estendida em outras cidades do Brasil, pois os instrumentos de congo como tambores serviam também como meio de comunicação: quando o negro estava para fazer alguma reunião eles tocavam tambor e se comunicavam de aldeia para aldeia, e daí eles, através dos toques, faziam suas comunicações. Dentre os instrumentos existiam a casaca ou reco-reco os quais já existiam por aqui fabricados pelos índios, pois foram aperfeiçoados pelos negros que colocaram suas cabeças. Segundo relato histórico, os negros colocavam e desenhavam o rosto dos senhores donos dos escravos, diziam que iriam fazer uma homenagem, na verdade eles queriam esganar os senhores donos dos escravos por maltratar tanto os negros.

Nessa época, os negros nas festas de São Benedito, tinham que pedir licença à Igreja Católica para fazer uma alvorada. Eles eram apedrejados e açoitados com baldes de água. Os líderes da religião da época os expulsavam e os humilhavam com xingamentos dizendo: “Vão embora seus negros sujos e imundos da frente da minha igreja” e chamavam a guarda federal que eram a polícia da época.

Segue abaixo uma música de autor desconhecido que retrata um pouco desta trajetória de preconceito mesmo nas canções a forma de autores expressarem o sofrimento que passavam.

Negro Nagô

“Eu vou tocar minha viola, eu sou um negro cantador.

O negro canta deita e rola, lá na senzala do senhor.

Dança aí negro nagô (4x)

Tem que acabar com esta história de negro ser inferior.

O negro é gente que quer escola, quer dançar samba e ser doutor.

Dança aí negro nagô.

A culpa é da abolição que veio e não o libertou.

Dança aí negro nagô

Vou botar fogo no engenho aonde o negro apanhou.

O negro é gente como o outro, quer ter carinho e ter amor.

O negro mora em palafita, não é culpa dele não senhor.
Autor Desconhecido

E ainda quando Montarroyos diz sobre o negro capoeiro, traz a historicidade conhecida por ele sobre os negros e o envolvimento com a capoeira.

4.3.1 História do Negro Capoeiro

Segundo Montarroyos (2013) a manifestação cultural do negro capoeiro vem desde a colonização do Brasil de 1.500, pois os negros escravizados trazidos dos continentes africanos trouxeram em sua memória a dança e a prática da capoeira que é uma luta em defesa da ética cultural afrodescendente, os seus movimentos é trazido respeito ao próximo. A capoeira é uma prática de luta no moral e honradez entre os participantes uma questão de cidadania, muito das vezes e discriminado por certas pessoas que não entendiam da valiosa cultura afrodescendente e afro-cultural.

Na época da escravidão os negros praticavam a capoeira, quando os senhores, donos dos escravos descobriam que existiam grupos de negros e praticantes da dança e luta da capoeira, eles eram mortos, pois os senhores donos dos escravos achavam que eles iriam ser mortos com golpes de capoeira, ela era apenas uma luta para defesa e apresentações afro-cultural, pelas regras dos regimentos, não pode ser utilizada na prática de violência.

5 O QUE DIZ O INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE).

Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em sua pesquisa sobre raça e cor, dentre o quantitativo de entrevistados um grau elevado atribuiu

algum parecer negativo relacionando a cor negra. Segundo os entrevistados as situações em que a cor tem maior influência é primeiramente no trabalho em seguida no envolvimento com a polícia / sociedade e também na família e na escola.

De acordo com IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) esta pesquisa traz dados relevantes sobre o que a população considera no que diz respeito a cor, raça, dimensões e agravantes sobre o trabalho relacionado a cor e assim podemos entender como nossa sociedade tem pensado e reformulado o negro na sociedade contemporânea.

Sabemos que a estatística é o retrato da realidade, quando é feita por uma fonte segura como é o caso do IBGE, então são necessárias políticas públicas que de fato venham agregar para a condição dos menos favorecidos. Tendo a escola como um ambiente acolhedor, não vê-la subdividida por hierarquias ou etnias é um desafio, este espaço institucionalizado deve dar espaço a diversidade de cultura e conhecimentos no geral, de forma que o indivíduo possa se desenvolver como um ser pensante e conseqüentemente crítico, a escola deve visar formar cidadãos que respeitem a diferença de cor, ou nível social, incluindo em seu currículo disciplinas e temas que irão além dos muros escolares. Este tema da história da África e cultura afro-brasileira trazida de maneira que não retrate o negro só escravo, mas também um povo que foi indispensável para o desenvolvimento social, econômico e político de nossa nação.

Um olhar puro, sem preconceito e sem críticas depreciativas, para que de fato a lei 10.639/03 possa alavancar em nosso país, e em nosso sistema de ensino é interessante para que esta temática se solte dos papéis e assuma um papel diferenciado nesta caminhada contra o preconceito racial, que tem silenciado tantas crianças, jovens e adultos.

Ainda ressaltando a estatística que diferencia o quantitativo entre população branca e negra e tudo que ainda ocorre contra a segunda, o livro igualdade das relações étnicas raciais das autoras Souza e Croso (2007), traz contribuições importantes sobre: evasão escolar negra, alunos negros e sua inserção no ensino superior, nas escolas e os CMEI. É importante relatar que os negros estão acima no índice de

analfabetismo e entre alunos inseridos em instituições de nível superior os negros estão em níveis baixíssimos, precisamos a partir do combate ao preconceito auxiliar a população negra na integração na área educacional.

6 UM OLHAR SOBRE OS CAMINHOS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/2003.

As autoras Souza e Croso (2007) do livro igualdade das relações étnico-raciais na escola: possibilidades e desafios para a implementação da lei nº 10.639/2003, nos remete a pensar na importância da promoção da igualdade racial, quando falamos do racismo não nos voltamos para simples e puramente para o momento atual, mas voltamos há séculos antes onde os negros não eram vistos como ‘gente’.

Segundo Souza e Croso (2007) esta obra nos relembram aspectos consideráveis do ambiente escolar, onde a criança tem seu primeiro contato com o global com o todo e não só com a parte, uma parte da sociedade, mas se envolve e interage com todas as culturas e ser pensante diverso. É neste espaço complexo como é o espaço escolar que a criança aprenderá e entenderá a complexidade da vida, então é neste momento de construção, de formação do caráter humano que deve haver intervenções significativas contribuindo para a evolução e formação de um ser pensante e crítico, que entenda as relações e a importância de todos sem fazer distinção de cor, religião ou condição social.

A lei 10.639/2003 promulgada em 09 de janeiro de 2003 - que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e inclui no currículo oficial dos estabelecimentos de ensino básico das redes públicas e privada do país a obrigatoriedade de estudo da temática história e cultura afro-brasileira e africana – se tornaram referencial da luta no combate ao racismo e une esforços para um aprofundamento no contexto escolar, com sua obrigatoriedade, estas leis são resultados da luta de diversos movimentos e segmentos para a verdadeira libertação

dos negros em pleno século XXI, lutar pela efetivação dessas políticas públicas é o objetivo de todos envolvidos neste processo de busca pela igualdade.

De acordo com Souza e Croso (2007), toda a relação de preconceito há anos do que existe atualmente são reflexos do que estudiosos relatam sobre a ideologia do branqueamento onde a ideia central era uma população puramente branca, onde o negro não tem direito e nem voz na sociedade. Isto nos remete a entender a falta de significação do negro, ainda não existe e não existia a valorização do negro e hoje o que vemos são escolas repletas de atores que não favorecem o avanço da temática no contexto escolar, retardando o avanço e o reconhecimento por parte daqueles que integram as salas de aulas que são os alunos das instituições escolares.

Ainda de acordo com Souza e Croso (2007) no que se diz sobre democracia racial é negada a existência de conflitos, por existir uma mistura de raças, dizem com um olhar pontual que todos são iguais. Pesquisas acadêmicas emergentes a partir de 1950 apontam a democracia como mito, isso ainda é grande no contexto social.

Com os estudos do ano 1980, novas análises foram feitas para uma profunda verificação das desigualdades raciais, considerando o racismo existente, combatendo, entendendo e percebendo sua existência e lutando de maneira efetiva contra o mesmo.

Um novo conceito emerge então, nos permitindo um olhar diferenciado sobre o termo, de acordo com Souza e Croso (2007),

Surge então uma ressignificação para o conceito raça, onde é sustentado para determinar o segmento da população negra. Este termo ganha outro significado tornando-se mais visto e percebemos em seu conceito o verdadeiro significado prevalecente na sociedade que distingue um grupo do outro valorizando seus estereótipos. (SOUZA E CROSO, 2007, p.19).

Mas é a partir deste reconhecimento que se dá o devido valor, no caso da real significação do termo raça podemos nos apropriar para buscarmos em políticas

públicas punições aquele que age de maneira contrária e até mesmo preconceituosa contra o outro. Por isso a necessidade de conceituarmos e acentuarmos a valorização de conhecermos tudo que envolve a temática, tendo maior visibilidade do mundo e de seus significados, combatendo com integridade o preconceito étnico e tudo que vem a retirar do homem sua independência e importância quanto a ser um ser humano dotado de experiências e valores.

De acordo com uma importante conferência realizada em DURBAN, na África do Sul, em 2001 que ficou reconhecido o racismo e suas consequências, possibilitando possibilidades para seu aprofundamento e combate, onde por meio de políticas públicas ficaram estabelecidas ações visando direitos aos negros como forma de retratação de um povo em favor de outro o qual foi escravizado por longos anos e ainda não lhe foram concedido os direitos básicos para uma vida digna.

Assim o debate sobre promoção da igualdade das relações étnica raciais tem ganhado espaço nas escolas, desde janeiro de 2003, quando foi sancionada a lei 10.639/2003, o que surgiu em resposta a movimentos sociais que lutam por uma vida digna para todos em especial aos negros.

Então hoje, o negro tem muito a comemorar no que diz respeito à legislação. Não podemos deixar de expor as relevâncias da lei 10.639/2003, lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) que se ajustou em decorrência à necessidade de um estudo abrangente e obrigatório da história e cultura afro-brasileira e africana incluindo em seus artigos, o artigo 26-A e o artigo 79-B, identificadas como resolução CNE/CP, 1/2004.

É válido ressaltar que ambas trabalham uma maior contextualização dentro da história e cultura afro-brasileira e africana e ainda estabelecendo no currículo, o estudo do dia 20 de novembro o dia Nacional da Consciência Negra. São meios importantes para um início rumo à desmistificação do negro como um ser insignificante socialmente, politicamente e economicamente.

6.1 A ESCOLA E O CURRÍCULO

De acordo com MEC (2006), no que se refere à ideia de currículo, é importante que existam diferentes visões para sua construção e encaminhamento. E eles dizem que o trabalho docente pode ir além das disciplinas constantes do currículo do curso, mas o professor pode trabalhar as questões étnicas, políticas, econômicas e sociais, mas para isso é preciso uma participação efetiva dos professores, uma organização e seleção de conteúdos e também trabalhar com desafio com a comunidade.

Segundo MEC (2006), os conteúdos afrodescendentes não podem ser lembrados somente em festas comemorativas e registros folclóricos, é importante uma busca constante para o respeito às diferenças.

6.2 O ENSINO E O ANTIRRACISMO

De acordo com MEC (2006), não nascemos racistas, mas nos tornamos racistas devido a um histórico processo de negação da identidade e de 'coisificação' dos povos africanos.

O ser humano a partir do momento em que passa a entender como funciona a questão do preconceito deve buscar suas origens e não deixar que elas sejam esquecidas e o professor deve trabalhar de maneira sábia com histórias do passado sobre este tema. Fazendo com que os alunos entendam as diversas maneiras culturais do ser humano. Infelizmente, já nascemos em um mundo cercado de preconceitos, só temos que aprender a lidar com as diferenças culturais procurando sempre valorizar o que temos de melhor quebrando barreiras e vencendo desafios.

6.2.1 Educação e Preconceito

A escola é um lugar onde acontecem conflitos, contradições e também preconceito racial, por isso, a necessidade de se trabalhar esse tema no contexto escolar.

Vários estudos e pesquisas mostram claramente que o processo de educação dos alunos negros acontece de forma mais lenta que o aluno branco, até a conclusão do curso universitário.

As crianças negras, em sua maioria, sofrem com o preconceito desde pequena na escola. A maioria delas não tem moradia fixa, plano de saúde, seus pais não têm emprego e renda. Isso só faz aumentar a desigualdade na educação entre brancos e negros.

Devido a tantos problemas sociais a conclusão dos estudos se dá de forma mais lenta, isso acarreta em situações financeiras complicadas para os negros e esse problema veio sendo passado para gerações futuras, o que justifica as desigualdades sociais entre brancos e negros até hoje.

Os negros que conseguiram estudar, que conseguiram ingressar na classe média, reclama salários mais baixos em relação aos brancos.

Desde o momento em que entram na escola as crianças negras já se deparam com alguma manifestação de preconceito, que prejudicam a sua autoestima e uma imagem positiva de si mesma, e o professor que é omissor a esses atos em alguns casos e se cala, não trabalha com seus alunos o que acontece, está contribuindo para que práticas de racismo continuem acontecendo numa etapa fundamental do desenvolvimento social da criança.

As escolas tem sua parcela de contribuição na vida de crianças negras, mas precisa buscar uma melhor qualidade de ensino, que combata as desigualdades raciais.

7 METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi o estudo de caso. Entendendo que é preciso observações e uma análise bastante apurada sobre o estudo realizado, optamos por nos apropriarmos de um método que nos desse uma ampla visão e melhor entendimento do fenômeno observado.

Segundo Gil (2009), o estudo de caso adota uma abordagem qualitativa, porém não deve ser visto como uma pesquisa qualitativa. O estudo de caso por ser um método científico envolve o planejamento do que será observado e uma análise dos dados coletados e a interpretação dos mesmos.

Dentro do estudo de caso são utilizadas diversas técnicas para se coletar os dados relevantes à pesquisa, e isto se dá mediante a observação do local e dos objetos de estudos, a entrevista também é fator importante no estudo de caso, pois por meio deste instrumento serão coletadas as dúvidas e informações para se chegar a uma análise única dos resultados obtidos através do que foi observado e vivenciado dentro do contexto o qual o pesquisador está focado.

Segundo Merriam Webster's online dictionary (2008), que usa um termo já utilizado em 1875, classifica estudo de caso como: uma análise intensiva de uma unidade individual (como uma pessoa ou uma comunidade) enfatizando fatores de desenvolvimento em relação ao ambiente.

De acordo com Gil (2009) o estudo de caso se diferencia dos outros estudos, devido ao seu aprofundamento a cerca da temática. O pesquisador tem a seu favor um estruturado instrumento que é a maneira pela qual serão coletadas as informações, através de questionários e entrevistas devidamente estruturados.

Nossa investigação ocorreu em uma escola municipal, no bairro Planalto Serrano, no Município de Serra ES, onde a comunidade local é de classe média e baixa, os alunos que frequentam esta instituição são do próprio bairro e bairros vizinhos, a

estrutura familiar é de crianças que moram com avós, com pais separados e em outros casos somente com a mãe e o padrasto.

Nossos atores foram: alunos das séries iniciais, 3 professores, 2 pedagogos, 1 diretora. Aos alunos foram desenvolvidas dinâmicas. Uma delas com a história do Gibizinho de Zumbi e o dia da Consciência Negra que levam os alunos a entenderem o porquê do dia da Consciência Negra e se questionarem quem foi Zumbi dos Palmares.

Os dados foram analisados de maneira a compreender as relações envolvendo o preconceito étnico nas séries iniciais e como se dá sua manifestação, pois entendemos que são necessárias diversas intervenções na vida e na formação do ser humano, para que este possa de fato compreender os diversos aspectos da vida e saber dar importância ao que de fato é. Verificamos cada resultado das entrevistas feitas uma por uma e buscamos relatar o que ficou explícito, entendendo ainda que todos somos passivos de erro, porém em nossa trajetória devemos ter em nós o desejo constante de mudança contribuindo para o crescimento do outro de maneira integral.

8 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA

Em uma escola pública municipal em Serra/ES foram feitas observações, questionários e pesquisas aos alunos, professores e coordenadores acerca da temática: **Preconceito étnico nas séries iniciais: como ele se manifesta?**

E nesta busca por respostas e uma análise crítica sobre o tema nos propomos a entender o que cerca o seio da escola, e quais ações tomadas para o estudo e conhecimento do tema.

De posse do estudo de caso que segundo GIL (2009), diz que devido o seu aprofundamento nos permite ter resultados mais precisos sobre o que se investiga.

Então, através destas entrevistas, vamos discutir as relações e intenções dos sujeitos envolvidos no ambiente escolar. Observações durante pesquisa no cotidiano escolar.

Começamos nossa pesquisa na escola Ismênio de Almeida Vidigal a partir do dia 21/03/2013.

Chegamos à escola às 13 horas, os alunos já estavam entrando e aí nós observamos que: os alunos menores (Os que frequentavam os primeiros anos) entram e ficam no pátio esperando pelos professores, já os maiores (acima do 2º ano) entram pelo pátio, todos em fila organizadas, com seu professor (a).

Apresentamos-nos para a diretora que nos disse que poderíamos dispor dos recursos e funcionários da instituição para nos orientar em nossa pesquisa.

8.1 Observação na sala de alunos do 1º ano

Nossa primeira sala de observação foi na sala de alunos da 1º ano com faixa etária de 6 anos. A professora foi muito simpática e se mostrou disposta a nos ajudar, conversou com a turma e nos apresentou para que os alunos soubessem que iríamos ficar um tempo por ali devido a uma pesquisa de observação. A aula transcorreu normal sem nenhum transtorno, percebemos que a turma é muito tranqüila. Depois, os alunos tiveram uma aula de Educação Física onde acompanhamos o professor até a quadra, tudo ocorreu dentro do esperado, voltamos para a sala e em seguida houve aula de Arte e também foi tudo bem. No segundo dia quando chegamos à sala para realizar a observação à professora veio nos relatar que no dia anterior o professor de Educação Física não havia gostado de nossa participação do momento de sua aula no interior da quadra, ficamos um pouco transtornadas, pois tínhamos elogiado seu modo de trabalhar, o carinho com que tratava seus alunos, mesmo assim, em seguida, ficamos no interior da quadra até o momento de nossa observação.

8.1.2 Observação em uma sala de alunos do 4º ano

No terceiro dia de pesquisa fomos observar uma sala de alunos do 4º ano, a professora nos apresentou para a turma e disse que iríamos fazer uma observação durante algum tempo. A aula foi iniciada com uma oração a princípio à turma estava muito calma, a aula transcorria normal sem nenhum transtorno de início nós falamos para a professora sobre a nossa pesquisa “Preconceito étnico nas séries iniciais: como ele se manifesta?” e ela nos relatou um pouco de sua vivência, nos contou que em 2011 um aluno da sala onde lecionava não aceitava que a cor de sua pele fosse negra, ele não admitia isso, e isso a deixou um pouco confusa. A professora nos contou que sempre trabalha este tema em sala de aula e apesar de trabalhar com o tema, ver manifestações absurdas que às vezes nem quer ouvir e nem ver, estas manifestações sempre acontecem.

A professora nos relatou também que no ano passado, 2012, trabalhou o tema Consciência Negra da seguinte forma: como ela tinha alunos de diferentes etnias na sala de aula, a professora pegou um aluno índio, negro, branco e um pardo, fez quatro cartazes com as figuras dos alunos e pediu para que eles pintassem. Depois durante um tempo, ela percebeu que nenhum aluno fez pintura de cor negra, apesar de ela ter pegado quatro alunos diferentes e de se trabalhar o dia da Consciência Negra. Relatou também que estava fazendo um curso da secretária de educação que trata sobre Consciência Negra, mas teve que abandonar por causa de assuntos pessoais e disse que apesar do curso falar de negros, a maioria que estava ali eram pessoas brancas, os negros eram minoria em número de participantes.

No decorrer da aula, a professora comentou com os alunos que iria fazer algumas perguntas para elas, mas que era para responder com sinceridade. Ela passou de carteira em carteira e perguntou um por um, qual era a cor de sua pele? E nenhum aluno admitiu ser negro, sendo que um deles, que era negro, quando a professora perguntou a ele, o aluno abaixou a cabeça e respondeu que não sabia, ela perguntou novamente e ele disse que era moreno.

Naquele momento observamos que o aluno não se reconhece como negro e se sente envergonhado da cor de sua pele por não admitir ser negro.

Outro aluno, se levantou foi até a professora e perguntou o porquê daquelas perguntas, se tinha necessidade de responder, ela disse que era uma pesquisa e tinha que responder sim. Durante nossa observação nesta sala, aplicamos uma dinâmica com o tema: “É legal ser diferente”. E para sensibilizar os alunos acerca do tema, iniciamos a aula contando a historinha de Zumbi dos Palmares, retratando a luta dos negros e a trajetória de Zumbi na ajuda aos demais negros para serem livres. Logo em seguida, propomos uma brincadeira de observar e dizer as semelhanças entre eles. Pedimos às crianças que formassem dois círculos um interno e outro externo, de modo que um aluno fique de frente para o outro, formando assim a primeira dupla da brincadeira, o professor poderá participar desta atividade caso o número de alunos seja ímpar. A brincadeira começa quando o professor dá o sinal combinado podendo ser uma palma, o soar de um apito ou de um sino. Neste momento, um aluno da dupla terá 30 segundos para observar e dizer o maior número possível de características comum e diferente entre ele e o colega, como por exemplo: ‘nós dois temos cabelos pretos, temos olhos castanhos... Eu sou gordo você é magro, eu sou baixo você é alto...’ Ao sinal do professor o aluno passa a vez para outro colega da dupla, que deverá estar atento a seguinte regra: ‘não vale repetir o que já foi dito pelo colega’.

Um novo sinal do professor o círculo se movimenta, novas duplas se formam e as brincadeiras continuam até que a primeira dupla se encontre novamente ou até que a turma mostra interesse pela atividade.

Em seguida, solicitamos aos alunos que fizéssemos uma grande roda, logo depois, conversamos com eles como foi participar da brincadeira, o que sentiram, o que perceberam em relação às semelhanças e as diferenças entre eles, o que os diferenciavam dos colegas, quais foram as descobertas feitas enquanto brincavam.

Seguem, na íntegra, as lições retiradas pelos alunos depois das brincadeiras:

- Amor ao próximo;

- Todos somos iguais;
- Não devemos falar mal do próximo, todos somos iguais;
- Não julgar as pessoas;
- Não podemos ferir ao outro, porque seria como ferir a nós mesmos;
- Isso é muito importante mesmo;
- Não devemos colocar apelidos;
- Meus pais são negros, eu não tenho preconceito (aluna parda) ;
- Eu não tenho preconceito, eu sou capixaba, minha avó é mineira e eu não discrimino;
- Eu me senti envergonhado (aluno negro)...somos diferentes, pois meu colega é negro e eu não.

Pudemos observar o quanto este assunto incomoda os alunos em sala de aula também observamos que ao tratar desta questão étnica, são poucos educadores que abordam este tema, e nesta sala do 4º ano, a professora comentou com os alunos que esta questão da cor da pele será bastante abordada em seu conteúdo escolar durante todo o ano letivo.

Ficamos muito felizes quando ouvimos que tem profissionais da educação comentando esta questão em sala de aula, pois sabemos que muitos fecham os olhos quando se trata de tal questão, fingem em favor de uma explicação ou uma orientação mais precisa para que o aluno se mostre mais confiante diante do problema.

8.1.3 Observação em outra sala de alunos do 4º ano

Nesta terceira sala observando os alunos e notamos que eles são, em sua maioria, repetentes de pelo menos 1 ou 2 vezes na mesma série. Ficamos um tempo observando, depois explicamos algumas perguntas da atividade proposta sobre o tema de nossa pesquisa para a turma, mas antes conversamos com os alunos sobre

o que é preconceito, como e porque se dá para que entendessem do que se tratavam nossas observações naquele momento, às perguntas foram feitas para a turma por meio de alguns cartazes que fizemos para facilitar o entendimento deles, todos responderam o que achavam, e deram suas opiniões cada um de seu modo.

Seguem as perguntas com suas respectivas respostas a partir de uma dinâmica:

Os alunos deveriam permanecer sentados em seus lugares. Fizemos cartazes de uma criança negra, uma criança loira, uma morena e uma branca e colamos no quadro e propusemos aos alunos um jogo o qual eles deveriam ouvir situações que relataríamos a seguir. Logo após, fariam a opção por uma alternativa.

Situação 1

Várias crianças estavam participando de um campeonato na escola, quatro delas venceram, porém havia apenas um troféu.

Vamos imaginar que vocês são os juízes deste campeonato, para quem vocês dariam o troféu?

12 alunos disseram que dariam o troféu ao negro

05 alunos disseram que dariam o troféu ao moreno

0 aluno disse que dariam o troféu a loira

03 alunos disseram que dariam o troféu ao branco

Ao serem questionados sobre o porquê das respostas, sempre relacionavam ao sofrimento dos negros.

Situação 2

Você estava em sua casa e, de repente, ouviu alguns gritos de socorro, você foi até o portão e encontrou uma senhora apontando para as crianças, dizendo que uma delas havia lhe xingado e tentando lhe roubar a sacola. Como a senhora estava

muito descontrolada, não foi possível identificar quem havia lhe desrespeitado e as crianças saíram correndo assustadas. Qual das crianças você acha que desrespeitou a senhora?

02 alunos disseram que foram crianças negras

06 alunos disseram que foram crianças morenas

10 alunos disseram que foram crianças loiras

03 alunos disseram que foram crianças brancas

Situação 3

Haverá uma festa muito legal em sua casa, você terá direito de levar apenas um convidado. Quem você escolheria para levar na sua festa dentre as crianças que estão expostas no quadro?

07 alunos responderam que levariam crianças negras

03 alunos responderam que levariam crianças morenas

08 alunos responderam que levariam crianças loiras

03 alunos responderam que levariam crianças brancas

Obs. Sempre que uma criança escolhia o negro era sequencial a mesma escolha, mesmo apesar de nossas intervenções dizendo da importância delas exporem suas idéias, eram respondidas as perguntas de acordo com o que o primeiro colega respondia. Embora depois da primeira pergunta pudemos observar maior demonstração de suas ideias sobre o assunto, então já não mais seguia a ideia do outro.

Os alunos negros não se sentiam confortáveis com a dinâmica, e a maioria da turma não se dispôs a falar abertamente sobre o assunto, (talvez por ser uma turma com autoestima baixa, devido a decadência que se encontram na vida escolar por ser uma turma repleta de alunos repetentes). Pudemos observar que a professora

regente se sente desconfortável e aflita com tamanho compromisso de ter que efetivamente colaborar para o avanço de tal turma.

8.2 ENTREVISTAS AOS PROFESSORES COM COMENTÁRIOS DAS PESQUISADORAS.

Neste contexto as questões formuladas aos professores da Educação Básica do Ensino Fundamental, por meios de entrevistas que seguem abaixo relacionadas, respondidas pelos profissionais e comentadas pelas autoras da pesquisa, foram feitas para um conjunto de cinco professores.

Em relação a primeira pergunta: Em seu ponto de vista tem ocorrido preconceito na sala de aula? Caso afirmativo, qual foi seu posicionamento diante do ocorrido?

Professor 1

“Sim. Promovo um diálogo sobre o acontecimento, ouço os argumentos, falamos sobre o assunto de maneira franca e aberta. Então procuro histórias infanto-juvenis ou infantis onde o tema traz abordagens sobre o preconceito, procuro valorizar a cultura africana, lendas, contos, releituras, debates e apresento historicamente a influência da África na formação do povo brasileiro, em nossa culinária, modos de vestuário e também festas, enfim norteio as produções culturais e artísticas trazendo uma linda maneira de lidar com a religião, com as pessoas vivendo em comunidade e aprendendo a lidar com a terra deste País que deve muito respeito e valor a estes sujeitos”.

Acreditamos que é importante esta contextualização da valorização da cultura e o entendimento do professor na intervenção escolar, promovendo nos alunos este sentimento de pertencimento.

Professor 2

“Sim. Já ocorreu preconceito racial em minha sala de aula e percebi que uma criança negra estava sendo excluída nas brincadeiras e até mesmo na hora de sentar em duplas. Então, adotei como forma de trabalhar a questão, trazer para sala de aula, livros literários que abordavam o tema e a partir da leitura, era favorecida uma conversa, discussão sobre a questão da cor da pele, da discriminação de uma pessoa por ser negra”.

É preciso ter este discernimento para uma ação correta. É de suma importância à intervenção do professor para a motivação e segurança do aluno, adotar posturas coerentes, onde o aluno negro seja levado a entender estas relações sem nenhum constrangimento. Mas são necessárias medidas que vão além dos livros é preciso trabalhar o tema preconceito todos os dias em sala de aula para que os alunos tenham a compreensão que não somente no passado os negros sofreram, mas até hoje a luta é grande para o combate ao que tem deixado que os alunos e alunas negras se perdessem e acabam por evadirem dos espaços escolares.

Professor 3

“Sim. Fazemos um trabalho para que todos se vejam iguais apesar das diferenças. Explicamos que somos iguais, que ninguém é melhor que ninguém e punimos com ocorrência os que continuam a desrespeitar os colegas”.

É importante trazer este aspecto que ninguém é melhor que o outro por causa de suas características físicas, mas para, além disso, é preciso elaborar em nosso planejamento de aula maneiras e trabalhos onde fiquem explícitas aos alunos que ninguém deve expor o outro ao constrangimento de ser xingado por seu estereótipo que é tratado diferente de outros grupos. Este momento deve ser o de expor ideias e fatos importantes como, por exemplo, trazendo a história de negros importantes que contribuíram para que o Brasil fosse tão rico como é hoje.

Professor 4

“Não.”

É algo que temos como meta que não haja preconceito na escola e nem nas salas de aula. Ao ver a professora declarar que “não”, sentimos que existe a possibilidade da eliminação do preconceito em sala de aula, uma vez que é neste ambiente que diversos indivíduos se desenvolvem e quando ocorrem manifestações de preconceito acaba por desmotivar o aluno de estar no contexto. Porém, devemos ter um olhar crítico em relação a não existência, pois podemos está deixando de perceber algo que ocorre na sala de aula.

Professor 5

"Não".

Essa é uma resposta que queremos ouvir sempre que for feita por um educador, porque a escola é um local onde acontece a maior visão do preconceito étnico, claro que não é só na escola, mais ele é o foco, é também o lugar onde os alunos se identificam como pessoas. Percebemos que o profissional da educação também fica feliz ao perceber que em sua sala de aula não ocorre este tipo de preconceito, isto ocorre quando ele realmente trabalha com seus alunos a lei 10639/2003 que fala das culturas étnicas.

No que diz respeito a segunda pergunta: Você na condição de professora das séries iniciais trabalha o tema: Dia da Consciência Negra? Por quê? E qual a relevância deste tema.

Professor 1

“Trabalho não só, no dia da Consciência Negra que é o dia 30/11, como apresento vários gêneros textuais e histórias que nos apresentam questões raciais como histórias africanas, com as quais as crianças se interessam muito como obras como

“Cabelo de Lelê”, Uma Princesa Mimada, Menina Bonita do Laço de Fita, Na Escola somos todos Iguais, Bruna e a Galinha da Angola, enfim sempre que descubro livros com histórias relativas aos tipos de alimentos, vestimentas, brincadeiras e tradições típicas do continente”.

Não podemos negar o fato que as crianças aprendem muito com a leitura destas histórias citadas acima, porém para o presente século são necessárias posturas que englobem além dos contos é preciso melhor contextualizar o assunto dentro da faixa etária de cada criança, fazer atividades relacionadas e que ao final destas, estes indivíduos estarão prontos a ser uma pessoa melhor e mais comprometida com o outro valorizando a história e conquista dos negros, entendendo o valor do mesmo. Quanto à menção que a professora faz da data 30/11, talvez pela correria e agitação cotidiana não se tenha percebido, mas a data a qual se deu o dia da Consciência Negra é o dia 20 /11 e não 30/11 como citado por ela. Devemos dar a devida importância ao contextualizar com os alunos qualquer conteúdo, pois o aluno fará a leitura não só pelo que ele vai ouvir, mas também por nossa postura diante do fato.

Professor 2

“Bom, sei que este tema não deve ser trabalhado não só em uma semana específica “Semana da Consciência Negra” em menção do dia 20 de novembro, então sempre que possível discuto-o com meus alunos, gosto de trabalhar com literaturas que falam da África, dos países africanos e suas lendas”.

É gratificante ver professores que tem esta postura, e ficamos felizes por ter profissionais que tratam o tema em sala de aula, abraçando esta causa. Não podemos na condição de professores deixarem de trabalhar o tema e desde já, trabalhar para que todos saibam os seus direitos e principalmente os negros para que não aceitem serem tratados com desigualdade, preconceito e humilhação.

Professor 3

“Trabalho com o tema miscigenação, durante o ano todo, com o objetivo de fazer perceber a mistura das diferentes etnias formando a raça humana. Dessa forma é possível perceber a cultura dos povos e a sua contribuição para a formação de outras culturas. O dia da consciência negra é lembrado nas aulas como um marco social, mas no ambiente escolar é uma necessidade constante. O tema é pertinente, pois nos faz pensar o diferente de forma natural”.

Ficamos maravilhadas com o relato desta educadora que tem esta atitude de trabalhar o tema da igualdade racial durante todo o ano letivo, pois é isto que realmente esperamos da maioria dos educadores, tanto do ensino público como do particular. É de suma importância que os educadores já se adaptem a trabalhar com este tema, pois a lei que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar já existe há 10 anos.

Professor 4

“Trabalho sim. Porque gosto de promover ações educativas e culturais além de promover a relevância deste tema valorizando a cultura da identidade. Por homenagear e resgatar as raízes negras do povo brasileiro. Além disso, os PCNs, a lei brasileira obriga ensinar temas relativos à história dos povos africanos em seu currículo”.

É confortante quando encontramos educadores que sentem prazer em trabalhar temas ainda considerados complexos pela maioria e sem valor para alguns. Esse profissional ainda é minoria, observando que sempre que nos relacionávamos ao preconceito em uma entrevista, os professores ficavam procurando palavras como se não soubesse como tratar tal assunto. Queremos apenas ressaltar que mesmo sendo conteúdo obrigatório desde 2003, quando a lei 10.639/2003 foi aprovada, existem professores que deixam passar despercebidas situações diversas que podem sim serem feitos belíssimos trabalhos ressaltando a importância da cultura negra e para além valorizar o negro e o ajudar em sua aceitação como ser humano importante e respeitado na sociedade.

Professor 5

“Sim”. “Porque acho importante trabalhar temas que abordam situações sociais, étnicas e culturais, uma vez que são temas dos PCNS”.

É de extrema importância a valorização da cultura nas escolas, principalmente a cultura étnica, pois uma vez que o professor está trabalhando este tema com seus alunos, ele está fazendo com que sejam respeitados independente de sua raça, e também a escola em si tem um papel muito importante que é o de aprofundar tema preconceito étnico, e assim através de um trabalho voltado a um só objetivo, o resultado só poderá ser positivo.

Já se tratando do terceiro questionamento, foi lançada a seguinte pergunta: Você já percebeu se algum aluno sofreu preconceito, em caso afirmativo, isto teve reflexo em seu rendimento escolar?

Professor 1

“É difícil perceber em um curto espaço de tempo a relação preconceito e baixo rendimento escolar em situações específicas em sala de aula. O que dá para perceber é que nas séries iniciais, os “negros” são a maioria nas salas de aulas das escolas da periferia, (as que já trabalhei) Planalto Serrano (Serra) e Terra Vermelha (Vila Velha). Entretanto, nas séries seguintes do 5º ao 9º ano, percebe-se que o número cai visivelmente. Quando se trata do Ensino Médio, aí a situação se inverte. O número de negros é a minoria. No 3º Ano do Ensino Médio, quase não há negros concluindo a etapa desse ensino escolar”.

Gostaríamos de observar que o professor passa 4 horas diárias com o aluno, e estas horas é um tempo considerável para observar se ocorre preconceito em sala de aula ou não. A professora relata que a maioria dos alunos das séries iniciais da

periferia são negros, mas o que se vê nos estudos é que a maioria da população 52% são negros. Por isso a necessidade de tratar tal tema, pois a maioria dos negros que evadem das escolas é para trabalhar e ajudar no sustento de suas famílias. Mas apesar disso, percebemos que hoje há um índice elevado da população negra não somente concluindo o Ensino Médio, mas também uma graduação.

Professor 2

“Sim. Porém não teve reflexo em seu rendimento”.

Ficamos felizes de saber que há alunos que não se deixam abater, vencem o preconceito que sofrem e seguem suas vidas, buscando novos caminhos.

Professor 3

“Bom, tive um aluno em especial que era chamado de “Macaco” de “preto”, etc. Este aluno tinha um rendimento muito baixo, mas penso que no caso dele não era por isso, pois este aluno apesar de tudo, “sabia se defender” das agressões dos colegas. “Mas, sei que isso afetava sim sua autoestima”.

Precisamos nos encorajar e não permitir de forma nenhuma que enquanto estiver em nosso alcance alunos sofram com o preconceito, precisamos nos esforçar para enfrentar o preconceito existente em nossa sociedade tratando casos mesmo que isolados para que estes não venham a ser constante em uma sociedade e em um Brasil que se julga um País de todos, onde existem leis, mas não se vê sua efetiva aplicação, precisamos sim entender que nossas crianças enquanto tais irão às vezes ter comportamento diferente do esperado, porém temos que agir para que o aluno negro se sinta parte desta sociedade e queira contribuir para seu avanço.

Professor 4

“Não”.

Aguardamos muito por este momento, onde ao serem questionados sobre a existência do preconceito todos os professores digam que não perceberam o mesmo. Mas sabemos que por hora, não é assim que tem ocorrido e nossas crianças negras têm sofrido caladas a dor de serem discriminadas.

Professor 5

“Não”.

É com muita satisfação que ouvimos isso, até porque o preconceito já existe a muito tempo. É hora de acabar com isso, principalmente dentro das escolas. Muitos alunos têm sido prejudicados devido o preconceito que sofrem dentro das salas de aulas.

Em relação à quarta pergunta procuramos saber: Qual a causa no seu entender, para que ocorra elevado quantitativo de preconceito no ambiente escolar, e qual o papel do gestor escolar frente a esta problemática que ocorre há muito tempo em nosso país.

Professor 1

“O gestor, juntamente com a equipe pedagógica, deve se apropriar do assunto e conversar com os alunos envolvidos, e também fazer interferências com seus professores para que estes promovam discussões sobre o assunto, contemplando a lei 10.639/2003 e que esteja garantida no P. P. P da escola e assim haja, no mesmo um projeto onde garanta aos alunos possibilidades de aprendizado na convivência social, cultural e suscite alunos críticos e imbuídos de valores e atitudes éticas nas relações com as diferenças”.

É preciso que haja uma mobilização entre professores e pedagogos, ou seja, todo corpo docente para que não ocorram preconceitos entre os alunos negros com os não negros. É de extrema importância trabalhar em conjunto, visando o bem estar

do aluno para que este se sinta seguro no ambiente escolar. Ficamos felizes e maravilhadas com esta atitude e ideia de envolver projetos sobre preconceito no projeto político pedagógico da escola, só assim seremos capazes de valorizar um discurso que já está em nossa sociedade, mas que falta coragem e atitude para esta causa.

Professor 2

“Penso que na escola está refletido a nossa sociedade. São pessoas de diferentes costumes; culturas; e acessos a bens culturais; e assim trazem para cá os preconceitos em seus variados níveis e casos. Penso que o gestor deve colocar como currículos e diretrizes da escola o trabalho efetivo da lei 10.639/2003 para que desde o 1º ano os alunos tenham mais conhecimento e diálogos acerca da importância do negro para a formação da sociedade e história Brasileira”.

A escola é o lugar aonde o aluno irá juntamente com seus colegas, formar sua identidade para a vida inteira, por isso ele deve se sentir bem seguro no ambiente escolar. Acreditamos que estas mudanças que vêm ocorrendo em questão da lei 10.639/2003, possa fazer com que um olhar diferenciado, seja voltado para a igualdade de nossos alunos negros. Vimos que há uma preocupação de muitos educadores em trabalhar este desafio, isto nos deixa um pouco aliviada, pois muitos estão empenhados e trabalham a lei dentro da sala de aula.

Professor 3

“O problema não acontece só no ambiente escolar. Ele explode na escola que é onde as diferenças culturais se encontram. O preconceito é um problema social que cabe a família, em primeiro tentar minimizá-lo. A escola tem suas políticas pedagógicas voltadas para a percepção do problema e, no geral os profissionais são preparados para tratar do assunto de maneira que não torne um problema como bullying. A coordenação e gestão têm posturas firmes e o regimento interno permite que a escola faça as devidas punições para o aluno que desrespeitar as normas da

escola, ou seja, o aluno que desrespeitar as normas, serão advertidas duas vezes, na terceira levará suspensão. Obrigando seus responsáveis a comparecer na unidade de ensino.

Observação: “O regimento escolar foi aprovado pelo conselho da escola”.

Sabemos que preconceito é uma questão geral, mas a criança é muito indefesa e às vezes, os pais não percebem que as crianças sofrem preconceito de pessoas que estão ao seu redor, e quando chega a hora de ir para a escola elas entram em um ambiente onde acreditam que irão se sentir amadas e felizes, mas por ironia do destino, às vezes, nos primeiros anos de escola, nem elas percebem que estão sofrendo preconceito, e aí quando o problema é percebido a criança já está com sua autoestima baixa e com baixo rendimento escolar.

Nesta escola vimos que ela tem sua maneira de trabalhar esta questão, punindo os alunos de maneira que acham ser correta, mas devemos levar em conta também que: como fica este aluno com este tipo de punição? Acreditamos que a escola está fazendo o seu papel que é o de trabalhar com o aluno para que ele respeite o seu próximo, independente de sua cor diante do convívio escolar.

Professor 4

“Não percebo tal preconceito no ambiente escolar que atuo, tanto como professora quanto pedagoga”.

Seria totalmente confortável se todos se atentassem a tudo em nossa volta, porém somos seres humanos repletos de falhas e devemos entender isto.

Professor 5

“Ha pouca abordagem desses temas em sala de aula, através da conscientização”.

“Desenvolver trabalhos, palestras, mostras culturais etc.”.

Infelizmente é verdade, quase não se trabalha esses temas em sala de aula. Muita escola se quer se lembra do dia da Consciência Negra. Esse tema tem sido esquecido por muitos professores e esses profissionais não estão sendo cobrados por pedagogos e gestores.

Com a intenção de conhecer o contexto o qual observamos durante nossa pesquisa, lançamos a quinta pergunta: Qual a sua ideia sobre o que se deve contextualizar na escola, para que os alunos negros possam se ver como negro sem se classificar como incapaz?

Professor 1

“Penso o negro como uma possibilidade de cultura muito forte e não como uma raça diferente. Todos são iguais e são diferentes ao mesmo tempo, a raça é humana. trabalho nessa perspectiva. O preconceito existe e somos preconceituosos no falar, agir..., por exemplo: “a coisa tá preta” “você tá na minha pasta preta,” “você tá na lista negra”. Isso não quer dizer que devemos deixar aflorar esse preconceito, devemos trabalhar conosco o tempo todo. E passar isso para os nossos alunos todos os dias. Assim, teremos um ambiente de respeito e de confiabilidade”.

É muito bom saber que a cultura do negro é valorizada, que as pessoas entendam que somos todos iguais, ou seja, todos nós temos os mesmos direitos como cidadãos. Mas é preciso mudar nosso jeito de falar para ensinar aos nossos alunos. Pois, muitas expressões que usamos no nosso dia a dia são preconceituosas.

Professor 2

“Dialogar, interagir e fazer interferências de maneira igual, pois, de acordo com a nossa constituição de 1988, temos direitos e deveres onde a promoção da igualdade, somos sujeitos singulares e devemos ser tratados como tal. O papel da

escola é fundamental na vida de todo sujeito, onde deve capacitar o indivíduo para viver em sociedade com respeito”.

É de fundamental importância às interferências do professor em sala de aula, que trabalhe a igualdade racial, para que seus alunos aprendam quais são os direitos e deveres de todos, para que aprendam a respeitar o próximo.

Professor 3

“O fortalecimento da aplicação da lei 10.639/2003 nas escolas e todas as suas implicações na autoestima do povo negro de maneira geral”.

A lei já existe, cabe aos professores assumirem seu papel e colocá-la em prática, mostrando assim seu respeito ao negro e toda a sociedade, porque é dever do professor trabalhar com seus alunos essa lei que infelizmente é desconhecida por algumas pessoas.

Professor 4

“Dedicar-se a reflexão sobre a presença do negro na sociedade. Conscientizar que os negros correspondem a 6,8 % da população brasileira segundo o IBGE, mas são chamados de pardos. Oferta de materiais didáticos que contemplem o negro”.

- Livros como Menina Bonita do Laço de Fita. (Ana Maria Machado)
- Luana, a menina que viu o Brasil neném.
- Tudo bem ser diferente.
- O Menino Marrom
- Diversidade.

Livros que mostram através de versos, porque é importante sermos todos diferentes. A autora fala que não basta reconhecer que as pessoas são iguais, é preciso saber respeitar as diferenças.

Professor 5

Os livros didáticos devem enfatizar mais os negros, abordando a importância dos mesmos na constituição do povo brasileiro.

Literatura Infantil que retrata tais temas: Ex: Menina Bonita do Laço de Fita e outros.

Peças teatrais.

É verdade que os livros didáticos também precisam abordar mais esse tema. São poucas as literaturas infantis que trabalham esse tema, que lhe dão a devida importância.

8.3 ENTREVISTAS AOS PEDAGOGOS E OS COMENTÁRIOS DAS PESQUISADORAS.

Com a intenção de desvendar o olhar do pedagogo no que se trata sobre o preconceito étnico, formulamos para os pedagogos de uma instituição de ensino público perguntas as quais nos permitem um olhar diferenciado e aprofundado sobre as perguntas lançadas e suas respectivas respostas.

Primeiro desafio lançado em forma de pergunta aos pedagogos (as):

Entendendo que o projeto político pedagógico deve colaborar para o desenvolvimento do aluno em seu processo de formação humana, qual o papel do pedagogo frente a uma manifestação de preconceito racial na escola?

Pedagogo 1

“O papel do pedagogo é conscientizar os que estão envolvidos. O preconceito acontece com o pobre e não só com o negro”.

É interessante como conscientizar está presente em nosso falar, e conseqüentemente em nosso agir. É importante dizer que é fato que a discriminação acontece com: pobres, gordos, brancos e negros. Mas o fato de não aceitar, ou melhor, de ter um pré-conceito daquilo que não se conhece, acontece claramente com os negros, simplesmente pelo fato de alguém ter a cor de pele diferente da outra se difere por esta característica, então devemos ter uma atenção relativamente maior quando isto ocorre de forma clara e assiduamente, devemos na condição de pedagogos intervir não somente a partir da conscientização, mas para além propondo viver em harmonia e respeitando um ao outro para que se consiga de fato uma não manifestação preconceituosa na escola.

Pedagogo 2

“Chamar as pessoas envolvidas, a família, pois isso é um assédio moral, por exemplo, se preconceito for 1, 2, 3 vezes é (assédio). Então tem que chamar os familiares para resolver ou falar em reunião aberta com a comunidade. Tem que se aprofundar, o preconceito é a pior coisa do mundo. Deu um exemplo de uma pessoa que sofreu, sentiu preconceito”.

É importante sim chamar os envolvidos em um conflito para expor os problemas e encontrar conjuntamente uma solução, mas sabemos que quando existe o preconceito de um aluno contra o outro deve ser feito um trabalho que tenha grande dimensão na prevenção para que caso exista mais casos, estes possam ser logo tratados evitando assim a propagação de outros, não tornando para os negros a escola como um ambiente sem motivação para sua permanência e sim os motivando a prosseguir com sucesso e entusiasmo crescendo em sua trajetória acadêmica.

Segunda pergunta lançada: A lei 10.639/2003 trata da implementação obrigatória no currículo escolar do estudo da história e da cultura afro-

brasileira e africana. Em relação a esta, o que se tem feito para tirar do papel esta lei e efetivar a contextualização desta temática em sala de aula? Os educadores têm sido preparados para esta tarefa?

Pedagogo 1

“Mais uma lei que criaram, mas ninguém conscientizou, alegando que os horários são difíceis de participar e que a lei vem para obrigar aquele que não tem esta consciência, não se pode através da lei obriga alguém a tal prática”.

É bem verdade que sem a conscientização será difícil o avanço da temática e da inclusão no currículo sobre o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana e para além a discussão sobre o preconceito na escola, são necessárias além de conscientização no caso de um profissional na condição de pedagogo espera-se que este contribua de maneira efetiva para a concretização de políticas públicas. **A** lei 10.639/2003 é uma vitória para diversos atores de movimentos negros que erguem a bandeira da igualdade e que depois de muito tempo buscando meios eficazes para tratar deste tema complexo nas escolas consegue, mas que agora se esbarra no descaso de profissionais que se dizem despreparados para tratar tal assunto, mas quando tem curso de capacitação que os ajudarão a trabalhar e combater o preconceito em sala de aula se diz sem tempo.

O pedagogo deve ser o intermediário entre professor e aluno, trabalhando conjuntamente projetos onde o aluno tenha prazer em estar e participar, propondo sempre algo diferenciado é preciso que todos se envolvam para que leis como esta não fiquem esquecidas ou peguem datas isoladas no decorrer de todo ano e depois digam que trabalham o assunto.

Pedagogo 2

“Eu acho que devido à globalização todos temos que ter a conscientização. Tem que se preparar um todo. Tem que ter uma matéria voltada para o comportamento, colocar em prática toda teoria, dando exemplo sobre o Bullying. Tem que integrar a criança na realidade dela, na cultura dela. É base cultural que às vezes, falta respeito ao próximo, falta de ética quando há discriminação, às vezes é do próprio (aluno) comunidade”.

É de grande relevância entender que falta base cultural, que às vezes, a discriminação neste caso, o preconceito pode sim vir do aluno ou da comunidade como relata em entrevista esta pedagoga, mas antes que o negro gerasse este preconceito por membros de sua própria etnia, foi estabelecido que o negro é inferior e sendo assim, todos têm um olhar inferiorizado em relação ao ser negro. Entretanto, se falando de um ambiente escolar devemos saber que também dentro deste ambiente deve ser trabalhado aspectos culturais para que gerações futuras possam viver em uma sociedade mais prazerosa onde o preconceito seja um aspecto do passado. Quando se fala que deve ter uma matéria voltada para o comportamento acaba-se por parecer que se quer mudar o rumo e a dimensão que o preconceito traz e não é desta forma que resolveremos o problema.

Em relação à terceira pergunta lançada, diz: Poderia contar um pouco mais a respeito do perfil dos alunos que compõem esta instituição de ensino?

Pedagogo 1

“As famílias são pessoas assalariados e têm como chefe de família a mãe ou a avó. Há casos de crianças que vivem com os pais, a mãe abandona a casa, existem alunos que vem para a escola com material na mão e na maioria negros. A mãe negra tem menor oportunidade de ficar com a família”.

É constrangedor o fato de que ainda existam famílias em estado crítico, onde os chefes de famílias sendo mulheres ou não tenham que optarem em trabalhar o dia inteiro para sustentar seus filhos não tendo assim tempo para o acompanhamento dos mesmos na escola e em suas rotinas estudantis. Esta falta de acompanhamento dos pais acaba fazendo com que os alunos tenham baixo rendimento e mau

comportamento o que mais uma vez pode acabar em evasão, uma vez que os pais não acompanham em suas rotinas e em outras vezes a escola não dá o suporte esperado.

Pedagogo 2

“As drogas eram ao vivo e a cores agora está encubado, o preconceito está menor. Geralmente as famílias ou as crianças são órfãs, a comunidade está carente de escola. Existem mudanças nas famílias hoje, alguns pais em média 60% participam das reuniões, quanto ao comportamento os alunos são bem educados e comportados”.

É confortante saber que com o passar dos anos está se percebendo a diminuição do preconceito em alguns espaços escolares, por isso a importância de continuar combatendo o preconceito e trabalhar para que constem nos currículos o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana e de fato poder contar com a vontade dos professores para que em escolas, sejam elas públicas ou privadas, alunos negros e brancos, professores negros e brancos vivam em harmonia sem o preconceito que é o que divide nossa sociedade categorizando uns como bons e outros como maus, uns como inferiores e outros como superiores.

Finalizamos a entrevista aos pedagogos com uma questão também significativamente importante que diz: A evasão escolar em todo o nível social é fato, nesta instituição qual o perfil dos alunos evadidos e qual percentual de alunos negros evadidos aproximadamente.

Pedagogo 1

“Os mais pobres e negros são os que mais evadem, órfãos também, não se vê descendente de italiano como evadido. Os negros têm o menor poder aquisitivo”.

Entendemos que o índice elevado de evasão escolar se dá a partir dos negros, são eles que por motivos diversos, dentre eles o preconceito, deixam de estar inserido

no contexto escolar para viver à margem da sociedade. Viver do que lhe sobra do que não é útil nem importante para sua sobrevivência. Ao relatar o que este pedagogo traz para nosso contexto, percebemos que às vezes, mesmo de forma sutil existe preconceito em algumas falas, e é exatamente deste modelo de preconceito, aquele que se esconde e de forma sutil, acaba por aparecer em falas que dizem o contrário do que se quer dizer. É preciso de fato querer transformar o espaço escolar, pois é nele que de forma triste relatamos que há sim muito que mudar.

Pedagogo 2

“Aqui a gente não olha se é negra ou não, a evasão é baixa, caiu bastante, a escola trabalha bastante isso, eu acho que o governo tem que dar trabalho para todos. A evasão vai existir em qualquer lugar, inclusive nos Estados Unidos. Sempre exemplificando com outras culturas, crenças”.

Somos extremamente gratos a profissionais que se propõem a colaborar em entrevistas como esta a fim de nos esclarecer o que ocorre na escola, mas é preciso que a cada proposta de trabalho a cada desafio possamos ter uma postura condizente ao que acreditamos e ao que nos propomos a defender e quando afirmamos isto, falamos em relação a uma educação que inclua todos os membros da sociedade negro, branco, italiano, dentre outros. Precisamos de qualificação profissional para que possamos discutir de quaisquer assuntos que seja e levantar a bandeira da igualdade, sabendo que existe sim diferença de cor entre o negro e o branco e que a pele é fisicamente diferente, porém o caráter de ambos deve ser o mesmo. Quando um profissional da educação se omite, ele pode levar consigo o peso de um aluno que se evade por não ver da parte da escola o envolvimento no combate ao preconceito. É preciso o comprometimento de todos em relação ao tema do preconceito existente e um firme combate para que diminua ou não mais exista a evasão por conta da agressão que se torna o preconceito aos alunos negros.

9 NARRATIVAS E INTERVENÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR.

Relato de Uma Professora Durante seu Percurso na Rede Pública Municipal de Ensino

Nota-se que algumas crianças trazem consigo um preconceito racial devido às questões familiares, iniciam o processo escolar, com reações extremas de exclusão, não gostam de brincar com pessoas negras, dizem que são sujos, e depois de uma conversa acabamos descobrimos que os pais têm reações preconceituosas e as crianças têm o reflexo na escola.

“Eu, professora do primeiro ano, costumo abordar o tema preconceito através de histórias como: “Menina Bonita do laço de Fita,” de Ana Maria Machado,” “Os cabelos de Lelê”, “Todo mundo é igual.” Estas, são histórias permanentes com debates, faço resgate histórico e as contribuições do povo africano da cultura, comida, esporte, língua, na raça, promovendo um debate e numa conversa informal e trazendo imagens e promovendo a consciência crítica dos alunos.

Durante o ano de 2010, numa sala de 2ª série, pude observar um grupo de meninos que chamavam um colega negro (ou afrodescendente), de “macaco.” Quando esta situação acontecia a criança que sofria preconceito chorava muito, queria agredir os colegas, gritava, ficava muito nervoso.

Então, eu, enquanto professora, fazia intervenções com conversas: com a turma e com o grupo específico. Confrontava as opiniões, solicitava a presença das famílias na escola, encaminhava a questão ao pedagogo. E propunha trabalhos que elevassem a importância da convivência, da aceitação das pessoas, como debates, contação de histórias do povo africano. Explicava sobre nossas origens, enfim, tratava o assunto abertamente com os alunos.

Mostrava aos colegas o tamanho do sofrimento das pessoas que são tratadas com preconceito e que isso é contra a lei, que garante respeito e a importância de todo ser humano.

Neste ano de 2012, pude observar uma aluna que não gostava de brincar com crianças negras. Quando proponho grupos e este está com alguma criança negra, a aluna se recusa a realizar a tarefa. Sua mãe me relatou que em casa ou com os vizinhos ela também não gosta de pessoas negras.

Tenho conversado com esta aluna, conto história do povo africano, suas lendas, proponho conversas, debates, e volto a propor trabalhos em grupos. Nota-se que neste período do ano, ela já aceita melhor os colegas. Contudo, sua mãe me relatou que em casa tem receio, ainda, quando crianças negras de seu convívio vêm brincar, prefere fazer outras coisas. A mãe me disse que conversa muito com ela, mas ela é resistente à questão.

“Continuarei propondo trabalhos e revendo estes assuntos com histórias, debates, trazendo fotos, relatando a importância do povo africano, de sua contribuição na formação do povo Brasileiro, enfim, promovendo a consciência da importância do ser humano não importando sua cor, raça, aparência e sim, a aceitação do outro como semelhante”.

Para um combate efetivo ao preconceito é preciso adotar uma postura como a desta profissional, que em meio a atos preconceituosos, deixa um pouco seus demais alunos para se dedicar exclusivamente a casos como o desta criança que, devido a talvez uma convivência no ambiente familiar de preconceito, adotou tais posturas diante a uma criança de cor diferente a dela, preferindo se afastar. Tendo a professora interferindo de maneira positiva e dedicada pudemos observar através de sua fala, avanços positivos em relação à criança negra. Mas ainda falta muito para um avanço que venha ser considerado como modelo, pois precisamos aguçar nosso senso crítico e avançar na contextualização da história e importância do negro no Brasil.

9.1 RELATO DE ALUNOS DAS SÉRIES INICIAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL

“Conversamos com uma criança (parda) que nos contou que já sofreu preconceito em outra escola pelo simples fato de ser amiga de uma menina negra. Um grupo de colegas as rodeava na sala de aula e no recreio e a chamavam por apelidos tais como: testão, feiosa, cabelo de pico e gorda (ela é bem magra, mas os colegas sabem que ela tem medo de engordar) tudo isso só porque ela não obedecia às ordens deles de isolar a sua amiga negra.

Ela conta que falou para a professora, que disse para ela falar com o diretor ou a pedagoga para que eles resolvessem o problema e que isso não era com ela. Então ela falou com o diretor que simplesmente disse “tá bom” e ficou por isso mesmo. Daí, ela resolveu falar para sua tia que toma conta dela, essa por sua vez disse que esse problema é a escola que tem que resolver.

Então perguntei se a sua mãe sabia disso, ela disse que não, porque a mãe chega muito cansada e tarde, quando ela já está dormindo, pela manhã a mãe está ocupada com os afazeres domésticos e não gosta que a incomode com problemas. A solução para o problema teve que partir dela (da própria criança), pediu para a mãe mudá-la de escola, e na atual escola ela não sofre preconceito por ter amigos negros. E quanto a sua amiga, continuou na outra escola sofrendo preconceito”.

É deste problema que estamos relatando a todo tempo de pessoas que não se dão conta da gravidade da agressão que o preconceito pode tomar tirando dos alunos o prazer pelo estudo e a vontade de estar no espaço escolar. É preciso que na condição de profissionais da educação estejamos dispostos para intervir nessas agressões verbais que só fazem com que o agressor tenha mais força, quando os profissionais não querem se envolver e diz para o que sofreu preconceito somente ‘tá bom’ ele contribui para a evasão escolar de alunos negros.

O professor deve sim se apropriar não somente de conteúdos específicos, mas de propostas que visem o crescimento e desenvolvimento de todos, trabalhando a partir

da lei 10.639/2003 as questões étnicas e levando o aluno a desenvolver-se como um indivíduo sem preconceito sabendo que todos têm direito a educação, saúde, diversão e ao cumprimento de seus deveres, independentemente de sua cor.

9.2 RELATO DE UMA PROFESSORA DO PROJETO MAIS EDUCAÇÃO

“Na escola onde realizamos esta pesquisa ouvimos o relato de uma professora a qual faz parte do projeto Mais Educação. Esta professora relata a importância da capoeira para os alunos, pois eles interagem bastante, por ser um diferencial na rotina da escola, além de ser uma atividade cultural pleiteada pelos alunos.

Ao ser questionado sobre a existência do preconceito relata que: os maiores desafios são com as denominações religiosas. Pois o Bairro onde está, há muitos evangélicos os quais não permitem os membros de suas igrejas participarem desta modalidade cultural. Os educadores valorizam a prática de capoeira na escola e ajudam na questão do preconceito, que esta modalidade sofre em virtude às práticas religiosas”.

Professores e educadores entendem que sobre a lei 10.639/2003 que trata da obrigatoriedade do ensino e cultura da história afro-brasileira e africana, que ela aborda as nossas raízes para desconstruirmos os preconceitos que nos foram impostos e para valorizarmos essa cultura tão rica de nossos descendentes. Essa mudança só será viável se nos propusermos ao estudo aprofundado de nossas origens.

10 CONCLUSÕES FINAIS

Ao abordar a pergunta desta pesquisa **Preconceito étnico nas séries iniciais: como ele se manifesta?** deparamos-nos com inúmeras perguntas como: de que maneira observar? Como relatar o que vamos ver e vivenciar dentro do contexto escolar? De que maneira lidar com inúmeras respostas e questionamentos que nos seriam lançados? Sendo assim, nos apropriamos do estudo de caso de GIL (2009), onde nos ensina que devemos fazer um estudo aprofundado para entender os sujeitos de nossas pesquisas sem dar opiniões próprias, mas dando credibilidade a pesquisa retratando integralmente o contexto vivenciado.

Então, ao fazer a conclusão desta pesquisa queremos dizer que não existe uma maneira de acabar o inacabado o preconceito étnico é um fato em nossa sociedade, não podemos falar que através desta pesquisa eliminamos o mesmo, por ser percebido que em um contexto tão significativo como é o espaço escolar, onde permeia, e acontece o preconceito étnico.

Vivenciamos momentos os quais serão únicos em nossa história na condição de pesquisadoras desta problemática, vivemos um pouco do cotidiano escolar e encontramos indivíduos, seres em processo de aprendizagem e conhecimento do mundo, que se sentem perdidos sem respostas tendo que (no caso de crianças de 08, 09 anos), resolver seu problema sem contar com a intervenção de um adulto (no caso do contexto escolar, o professor, pedagogo, diretor), que os ajudem em seus conflitos internos.

Com este relato queremos explicitar que em um contexto escolar uma aluna alega sofrer preconceito, por apenas brincar com uma criança negra, então como dizer concluído um trabalho tão extenso que é o combate ao preconceito étnico nas séries iniciais.

Acerca do que diz a constituição de 1988, onde o título II dos direitos e garantias fundamentais, no capítulo I no artigo 5º diz que:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos Brasileiros e aos estrangeiros

residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. (CONSTITUIÇÃO, 1988, p.6).

Entendemos que somos todos iguais em nossos deveres, na condição de cidadãos e, em nossos direitos como indivíduos de uma sociedade livre, mas sabemos também da importância de alegarmos estes direitos para além da constituição, para uma vida pura, sem preconceito, pois é o que tem afastado muitos alunos das escolas, por não conseguirem conviver com tanto maus tratos quando a sua condição de negro, e ser julgado como um ser sem caráter. São necessárias políticas públicas, mas também ações que venham primeiro das famílias e em segundo das instituições de ensino valorizando e respeitando todos.

O que dizer dos professores envolvidos nesta pesquisa onde nos deparamos com diversos sujeitos, alguns que se envolviam com mais veemência e determinação, e outros que ficavam apáticos ao que viam e ouviam sobre o preconceito?

É deste primeiro posicionamento que precisamos de professores que se envolvem e buscam de fato soluções para este grave problema que está inserido em nosso meio. Ações que ajudem no combate do preconceito, seja de maneira lúdica, contando história ou trazendo a história que atribuam o verdadeiro valor e sentido ao negro de séculos passado e até o da contemporaneidade.

Ainda notamos que deve se falar mais sobre o tema, pois quando se fala deste assunto as pessoas se sentem desconfortáveis, por não saber encarar os problemas. Somente com atitudes responsáveis poderemos nos aproximar de alguma resposta, precisamos solucionar este problema com professores dedicados a estudar profundamente o assunto para que se sinta capaz de combater e avançar com a classe negra que sofre em todos os níveis ainda com o preconceito étnico.

Não consideramos ter respondido a nossa problemática citada acima, pois ainda são necessárias intervenções de pais, professores, alunos e todos que querem de fato uma educação para todos e de qualidade sem ferir nenhum princípio constitucional do outro, pois acreditamos que quando não respeitamos o outro, quando agimos de forma preconceituosa não respeitando os valores do outro, violamos vários princípios, e principalmente o de dignidade humana.

Propomos com esta pesquisa e suas devidas conclusões, sugerir novos aprofundamentos, novos olhares sobre a temática do preconceito nas séries iniciais e suas formas de manifestações, é preciso urgência no combate ao preconceito para que cada vez menos, crianças e adultos passam por experiências negativas no que diz respeito ao sentir-se valorizado e respeitado independente de qual seja a cor, religião ou cultura.

Da busca o que encontramos foram profissionais que precisam querer de fato mudanças. Quando se fala de negros, encontramos indivíduos que no presente século não se propõe a mudar, não estão dispostos a fazerem a diferença e o que queremos mostrar com clareza aos leitores é que os indivíduos de movimentos sociais, pessoas que não fecham os olhos diante de situações preconceituosas, este sim, tem feito e possuem um importante papel ao combate ao preconceito, tem buscado desvendar o que fica por detrás de discursos vazios que só desvalorizam o negro e toda sua luta para uma sociedade mais justa.

Encontramos também professores que aceitam o desafio e se propõem em cada aula mudar paradigmas impostos em nossa sociedade. Estes precisam de um maior apoio, mas acabam se esbarrando com outros profissionais que não tem uma visão dinâmica acerca do tema e tentam inutilmente os fazer desistir, pois quem conhece a trajetória do negro desde a colonização valoriza e contribui para o crescimento do negro hoje, dando condição para que este se desenvolva e cresça como ser humano e cidadão que é, apesar de muitas vezes ter seus direitos negados por ter a cor da pele diferenciada do outro, neste caso da pele branca.

11 REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 2008.

CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**. – São Paulo, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Estudo de Caso:** Fundamentação científica - subsídios para coleta e análise de dados – como redigir o relatório. São Paulo: Atlas, 2009.

IBGE, Brasil. **Resultado de estudo sobre cor e raça.** 2011.

Disponível em:
WWW.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/caracteristicas_raciais/default_raciais.shtm. Acesso em: 04 maio de 2013.

IPEA, BRASIL. **desafios do desenvolvimento. Os avanços no combate à desigualdade racial.** 2011.

LIRA, Altair; DIAS, Dôra. (Cons.). **O Negro no Mercado de Trabalho:** Equipe do projeto de qualificação social e profissional da população Afro-Brasileira. 2004.

MEC, BRASIL. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnicas Raciais.** 2006.

MOORE, Carlos. **Racismo & Sociedade:** novas bases epistemológicas para entender o racismo. - Belo Horizonte, Mazza Edições. 2007.

MONTARROYOS. Carlos Augusto Ferreira, **Relato oral do cotidiano.** Serra, 2013.

MORTE. Theodorico Boa, **relato oral do cotidiano.** Serra, 2013.

OLIVEIRA, Osvaldo Martins. (org.). **Culturas Quilombolas do Sapê do Norte** farinha, Beiju, Reis e Bailes dos Congos. Espírito Santo, 2009.

RAIZES, Portal. **Estatística da população negra.** 2008

SISS Ahyas; MONTEIRO, Aloísio Jorge de Jesus. (Org). **Educação e Etnicidade:** diálogo e ressignificações. Quartet Le afro: Rio de Janeiro, 2011.176 p.

SOUZA Ana Lúcia Silva; CROSO Camila. **Igualdade das Relações Étnico-Raciais na Escola:** possibilidades e desafios para a implementação da lei 10.639/2003. São Paulo: Peirópolis, 2007.